

Agosto 2020 #5

NUDEB

IFCS-UFRJ

ÍNDICE

Editorial -----	p.1
As eleições e a política brasileira -----	p.3
As eleições na Região Norte -----	p.10
As eleições na Região Nordeste -----	p. 20
As eleições na Região Centro-Oeste -----	p. 32
As eleições na Região Sul -----	p. 38
As eleições na Região Sudeste -----	p. 48
As eleições no Rio de Janeiro -----	p. 58
As eleições em Niterói/São Gonçalo/Maricá -----	p. 65
As eleições na Baixada Fluminense -----	p. 74
As eleições e os Evangélicos -----	p.85
Sobre o NUDEB -----	p. 95

EDITORIAL: As eleições municipais de 2020 e a política brasileira

POR JOSUÉ MEDEIROS (DCP/IFCS) E PEDRO LIMA (DCP/IFCS)

Depois de quatro meses pesquisando a pandemia da Covid-19 e a política brasileira, é com satisfação que apresentamos o primeiro Boletim do Núcleo de Estudos Sobre a Democracia Brasileira (NUDEB) sobre as eleições municipais de 2020. Pretendemos, até dezembro, apresentar outras quatro edições, acompanhando o desenvolvimento do processo eleitoral até o fim.

Entendemos, no NUDEB, que as eleições são um momento de condensação dos conflitos políticos de uma sociedade. Dinâmicas sociais, culturais e institucionais se atravessam até o resultado do pleito que gera novos posicionamentos hegemônicos e contra-hegemônicos.

No caso das eleições municipais de 2020, é um primeiro momento de cristalização do bolsonarismo na política brasileira. Um dos nossos objetivos será analisar como esse fenômeno político vai se apresentar nas cidades. Outro objetivo é avaliar como os campos políticos mais tradicionais à esquerda e à direita vão se organizar e se posicionar para a disputa dos municípios.

Para dar conta desse objetivo vamos acompanhar as eleições em todas as capitais de Estado e também faremos um monitoramento especial do Rio de Janeiro, estado em que ampliamos para a Baixada Fluminense e para o polo Niterói, São Gonçalo e Maricá.

Nossa hipótese é que a direita tradicional será a grande vencedora dessas eleições, confirmando e mesmo aumentando as prefeituras importantes conquistadas em 2016, ano em que voltou ao poder pelo golpe contra Dilma. Em 2020, contudo, esta vitória estará mascarada por uma sobreposição dos votos bolsonaristas que, na maioria das capitais, não vai se apresentar com candidato próprio. Por fim, o campo da esquerda, altamente fragmentado, marcha para mais uma derrota histórica, como já ocorrera quatro anos atrás.

Ainda estamos no começo da pesquisa e nosso foco, para o presente boletim, foi recuperar o histórico eleitoral das capitais e cidades fluminenses pesquisadas. Do ponto de vista do quadro de candidatos de 2020, ainda há muita indefinição. A alteração dos dias de votação para 15 de novembro (1º turno) e 29 de novembro (2º turno) ampliou o prazo de fechamento das chapas para 16 de setembro, o que manteve a incerteza sobre o cenário em todas as cidades sem exceção.

Nesta primeira edição, o boletim conta com os seguintes textos: análise geral das eleições (1); Região Norte (2); Região Nordeste (3); Região Centro-Oeste (4); Região Sul (5); Região Sudeste (6); Rio de Janeiro (7); Niterói/São Gonçalo/Maricá (8); Baixada Fluminense (9); os evangélicos e as eleições municipais (10).

Esperamos com essa pesquisa contribuir não apenas com a produção de uma ciência política um pouco menos sudestocêntrica, mas também com a constituição de um campo de reflexões críticas que contribua com a reconstrução da democracia brasileira.

As eleições municipais de 2020 e mais uma vitória do bolsonarismo

POR JOSUÉ MEDEIROS (DCP/IFCS)

Em 2016, o campo político vitorioso nas eleições municipais foi a direita tradicional. PSDB, DEM, PMDB, PSD, entre outros partidos, ganharam 17 das 26 capitais, incluindo 8 dos 10 maiores colégios eleitorais. Se ampliarmos a escala para todos os municípios, o quadro é o mesmo.

A situação em 2020 repete 2016: nossa pesquisa mostra que a direita tradicional é favorita para vencer em 07 dos 10 maiores colégios eleitorais: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Manaus. Nos outros três – Fortaleza, Recife e Belém – terá candidatos competitivos e está na disputa. O quadro de candidaturas ainda está indefinido e pode mudar, mas dificilmente a direita deixará de triunfar na maioria das cidades.

Em 2018, contudo, essa mesma direita tradicional não teve força diante da avalanche bolsonarista. Seus votos parecem ter simplesmente desaparecido, foram sequestrados pelo atual presidente. Nas capitais, já no 1º turno, Bolsonaro venceu em 21 cidades. Teve 44,6% dos votos em São Paulo, 58,3% no Rio de Janeiro e 55,2% em Belo Horizonte.

Tal descompasso se repetirá 2020 e 2022? Essa é a pergunta que tentaremos responder ao longo dos próximos meses com a pesquisa sobre as eleições municipais.

Nossa hipótese é que a direita tradicional não só perdeu a capacidade de hegemonizar a política brasileira – algo já dito por muita gente – como adotou uma tática "flanéli-

nha" de guardar a vaga para o Bolsonaro vencer. O mais interessante é que o sistema político acreditava que poderia fazer justamente o oposto, ou seja, que o atual presidente seria um instrumento de uma agenda que ele em si não concorda – as tais reformas estruturais – e que guardaria a vaga para o retorno à presidência de algum político mais civilizado em 2022. A pandemia mostrou que isso não é possível, mas a recente "domesticação" de Bolsonaro reacendeu as esperanças.

A importância do voto e das eleições e o sentido de 2018

Embora a democracia representativa busque limitar o voto a um ato individual, a ação política de escolher representantes vai além disso. Antônio Gramsci, nos Cadernos do Cárcere Volume 3, nos oferece uma interpretação mais precisa do alcance do processo eleitoral moderno:

"O número de votos é a manifestação terminal de um longo processo" no qual "um grupo de homens ou até mesmo uma individualidade" (82) conseguem obter um consenso, não no sentido de ausência de conflitos, mas de adesão da maioria às suas ideias, apresentadas como o interesse nacional.

Ora, tal afirmação pode ser interpretada em chave negativa, as eleições como momento em que uma minoria domina uma maioria. Gramsci nos dá, contudo, outros sentidos, positivos: primeiro, na própria chave individual que o liberalismo tenta limitar o sentido do sufrágio. Ainda no Volume 3 dos Cadernos, ele afirma que o ataque ao voto por

parte das elites revela a pretensão de "tirar do homem 'comum' até mesmo aquela fração infinitesimal de poder que ele possui para decidir o curso da vida estatal" (Idem). Ou seja, há de se defender e valorizar e ampliar esse direito.

O segundo momento está no Volume 5 dos Cadernos e assume o sentido coletivo pretendido por Gramsci. O revolucionário italiano lista os eventos históricos que têm o "potencial" de produzir "momentos de vida intensamente coletiva e unitária no desenvolvimento" (56) de um povo: ele cita as guerras, as revoluções, plebiscitos e eleições. Neste último caso, é preciso procurar aqueles pleitos que levam "a parte mais ativa" de um povo a lidar e decidir conjuntamente "sobre as mesmas questões" e "busca resolvê-las em sua consciência histórico política" (57). Na investigação desta "potencialidade" é preciso encontrar "o conjunto de elementos 'unificadores' positivos e negativos que para ela convergem" (Idem).

Gramsci sabia que essa potencia não significa, necessariamente, uma vitória do que chamamos de interesses populares. Em sua reflexão sobre as eleições na Itália, por exemplo, ele cita a eleição de 1919 como Constituinte, devido à amplíssima participação popular, que resultou em vitória do Partido Socialista. A maioria parlamentar, contudo, seguiu nas mãos das classes dominantes e foi fundamental para a derrota da revolução em 1919/1920 e posterior ascensão do fascismo em 1922.

Com um ano e meio de governo Bolsonaro e no meio de uma pandemia que já custou mais de 100 mil vidas, podemos chamar as eleições de 2018 como um "momento de vida intensamente coletiva", embora seu desenvolvimento posterior seja precisamente o de desfazer de modo radical

os laços e o tecido social que viabilizam esses momentos. Disto que se trata a crise da democracia brasileira, cujo primeiro grande momento foi o golpe de 2016 e que vem sendo agravada pela normalização do bolsonarismo na vida política nacional.

No Brasil, as eleições municipais não têm esse efeito de produzir um impacto definitivo na vida nacional. Mas sempre são importantes como momento de confirmar tendências pregressas – por exemplo, a vitória das forças democráticas nas eleições de 1982 confirmou os ventos da redemocratização – ou de antecipar mudanças que se confirmarão no pleito geral seguinte, como ocorreu em 2000, quando o PT foi o grande vitorioso daquelas eleições, preparando o terreno para a vitória de Lula em 2002.

Nesse sentido, nossa hipótese é que as eleições de 2020 não farão senão confirmar a vitória do bolsonarismo conquistada em 2018, seja pelo voto em candidatos abertamente ligados ao presidente, seja pela escolha de políticos da direita tradicional que já dominam as capitais desde 2016 e que, como prefeitos, terão a função de "guardar os votos" para a reeleição do atual presidente.

As eleições de 2016 e a (falsa) hegemonia da direita tradicional

Iniciamos nossa pesquisa para esse boletim com o histórico eleitoral recente. São dados públicos e já conhecidos, mas que convém resgatar para visualizar melhor o quadro de ampla vitória da direita tradicional em 2016 e recuo das esquerdas em comparação a 2012.

Tabela Esquerda e direita nas capitais em 2012 e 2016

Ano	Esquerda	Direita
2012	13	13
2016	9	17

Para além da perda quantitativa, há a perda qualitativa: em 2012 a esquerda governava São Paulo com o PT, Porto Alegre e Curitiba com o PDT, Belo Horizonte com o PSB. Todas essas cidades hoje são comandadas por partidos de direita. A avanço da direita nas Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste foi quase total, com apenas Vitória sendo governada por um partido – Cidadania, ex-PPS - que hoje é oposição ao governo Bolsonaro e compõe a frente de partidos de esquerda no Congresso, mas que em 2016 foi a favor do golpe.

Contudo, como já mencionamos, apesar de governar 8 dos 10 maiores colégios eleitorais municipais do país, a direita tradicional foi amplamente derrotada nas eleições de 2018, ficando fora do 2º turno, quando em sua quase totalidade apoiou o então candidato Jair Bolsonaro.

A lógica do bolsonarismo e as eleições municipais

Já argumentamos, ao longo do monitoramento dos conflitos políticos durante a pandemia, que o Bolsonarismo inaugura uma lógica nova na política brasileira, distinta da-quele que organizou os campos políticos no governo e na oposição desde 1988.

Bolsonaro não chegou ao poder com um programa de oposição ancorado em políticas públicas. Ele foi um candidato de combate, contra tudo e contra todos. No mesmo sentido, ele não governa com base em políticas públicas e um programa de governo que possa ser combatido, mas mantendo o ambiente de contra tudo e contra todos.

Não é menos importante que sua principal realização na pandemia tenha sido o auxílio emergencial, medida aprovada pelo Congresso Nacional depois de uma campanha da sociedade civil e que exige do governo o abandono do receituário neoliberal que fazia a direita tradicional acreditar que estava “usando” Bolsonaro.

Como esta lógica impacta nas eleições? De um modo coerente, Bolsonaro opta, com bastante tranquilidade, por ser o primeiro presidente que não vai disputar de fato o pleito municipal posterior a sua eleição.

Primeiro, ele sai do partido em que se elegeu (PSL) em 12 de novembro de 2019, em um tempo político que na prática inviabilizava que seus apoiadores disputassem de fato o pleito deste ano. Seu partido, Aliança pelo Brasil, não chegou perto de conseguir o registro. Este nunca foi, na verdade, um objetivo real do presidente, que vê a organização mais como um movimento proto-fascista de combate e sustentação do seu governo do que como uma agremiação mediadora dos interesses.

Segundo, como foi amplamente anunciado, no dia 08 de agosto, em suas redes sociais, Bolsonaro anuncia que não disputará mesmo o pleito municipal. Ou seja, não apoiará candidatos, não subira em palanques, etc. É claro que os candidatos a prefeito poderão dizer que apoiam Bolsonaro

e disputar essa identidade. E já tinha sido assim nas eleições para os governos estaduais. É uma inversão da lógica do nosso sistema político, quando o presidente buscava organizar uma base parlamentar e uma sustentação vertical, baixando para governadores e prefeitos que sustentassem o governo e implementassem as políticas públicas.

A saída de Bolsonaro abre caminho para que a direita tradicional mantenha (ou mesmo amplie) suas posições. Caso seu principal adversário for de partido de esquerda, o bolsonarismo a socorrerá, devido às afinidades ideológicas e ao antipetismo e antiesquerdismo. Se o oponente mais forte da direita tradicional for bolsonarista, quem vira acudir será a esquerda, em nome do mal menor.

Mas de que servirá essa vitória?

Conclusão

Bom, obviamente que para os partidos tradicionais, governar capitais é muito importante. Trata-se de máquinas públicas robustas, que podem absorver os quadros, projetar lideranças e ajudar na eleição de parlamentares. Contudo, este último aspecto já se mostrou falho em 2018, quando a direita tradicional viu sua bancada encolher, com seus votos capturados pela onda bolsonarista.

Ademais, com Bolsonaro forte, à direita tradicional só resta se conformar em não organizar a hegemonia dominante no Brasil, servindo de flanelinha para “guardar a posição” até o que o presidente resolva ocupar o que é dele por direito conquistado com base no voto.

E quanto as esquerdas nisso tudo? Fragmentadas e enfraquecidas, deixaremos para o próximo boletim.

Um panorama das eleições municipais na Região Norte do Brasil

POR MAÍRA TURA¹

O presente texto analisa as disputas eleitorais para as eleições municipais do ano de 2020 na Região Norte do Brasil, tomando como base o histórico de eleições anteriores. Pesquisamos as seguintes capitais: Belém (PA), Rio Branco (AC), Macapá (AP), Manaus (AM), Porto Velho (RO), Boa Vista (RR) e Palmas (TO). Levantamos dados sobre as eleições de 2012, 2016 e 2018 nestas capitais e as pré-candidaturas de 2020 nos portais de O Globo, Exame, Brasil de Fato, Uol, Toda Política, Folha de S. Paulo e O Norte.

A hipótese que trabalhamos no texto é de que as últimas duas eleições municipais e a última eleição para a presidência e governador estão interferindo diretamente nas decisões das pré-candidaturas e alianças para as prefeituras de 2020. O campo de direita vai disputar a maioria das capitais em condições de vencer, enquanto o de esquerda está enfraquecido, só disputando em condições mais favoráveis Belém e Rio Branco. Isso representa uma continuidade de queda, conforme ocorreu com as eleições de 2016 e 2018.

Buscamos trabalhar esta hipótese analisando as eleições anteriores e o panorama atual. Primeiramente, identificamos o histórico das eleições municipais de 2012, 2016 e a eleição presidencial e de governadores de 2018.

¹ Maíra Tura é graduanda de Ciências Sociais na UFRJ, está no 6º período e é pesquisadora do NUDEB.

Depois, os campos políticos e as pré-candidaturas para as eleições de 2020.

Retrospectiva das eleições municipais 2012 e 2016 e presidência de 2018

Nas eleições de 2012, das 7 capitais analisadas tivemos a eleição de três prefeitos de direita, um de centro direita e quatro de esquerda. Aquelas eleições foram o auge da força política do “Lulismo”: partidos e lideranças que sustentavam o governo Lula e Dilma, quando venceram em cinco capitais e em outras duas estiveram no segundo turno. Inclusive os dois candidatos do PSOL (partido de esquerda que jamais foi da base lulista) Clécio Luís em Macapá e Edmilson Rodrigues em Belém, disputaram a eleição sem ser oposição ao PT, mas não saíram vitoriosos. Já a oposição de direita venceu duas capitais, ambas com o PSDB (principal opositor do PT).

Eleições 2012 – Capitais Região Norte²

Belém	PSDB – 56,6%	PSOL – 43,4%
Boa Vista	PMDB – 39%	PRB – 29%
Macapá	PSOL – 50,6	PDT – 49,4%
Manaus	PSDB – 66%	PC do B – 34%
Palmas	PP – 49,6%	PV – 43,2%
Porto Velho	PSB – 63%	PV – 37%
Rio Branco	PT – 50,77%	PSDB – 49,23%

² <http://eleicoes.terra.com.br/apuracao-resultado/>

Já em 2016 o quadro mudou. Desde a eleição de 2014 em que Dilma saiu vitoriosa em uma disputa acirrada contra Aécio Neves percebemos um enfraquecimento do lulismo que resultou no golpe da primeira mulher presidente do Brasil. Com o golpe de Dilma, no dia 31 de agosto, por 61 votos a 20. Dilma perdeu seu mandato sob a acusação de ter cometido crime de responsabilidade fiscal, conforme arranjo político dos setores conservadores no Congresso Nacional e no Judiciário. Em decorrência disso, em 2016, nas mesmas 7 capitais analisadas, tivemos a eleição de dois prefeitos de centro direita, um de esquerda e quatro de direita. Nesse momento, houveram quatro confrontos entre tendências opostas (esquerda x direita) e três confrontos entre a própria direita.

Eleições 2016 – Capitais Região Norte³

Cidade/Partidos		Derrotado
Belém	PSDB- 53,33%	PSOL- 47,67%
Boa Vista	PMDB- 79,39%	PP- 9,42%
Macapá	REDE- 60,50%	PMDB-39,50%
Manaus	PSDB- 55,96%	PR- 44,05%
Palmas	PSD- 52,38%	PR- 31,43%
Porto Velho	PSDB- 65,15%	PTB- 34,85%
Rio Branco	PT-54,38%	PMDB- 32,02%

³ <https://www.todapolitica.com/eleicoes-2016/>

A processo de fortalecimento dos partidos de direita na região Norte culminou, em 2018, com uma vitória completa de Bolsonaro em todas capitais, até mesmo em Belém, que é a capital do Pará. Embora o atual presidente tenha sido derrotado por Haddad em nível estadual. O Pará foi o único estado da Região Norte em que se verificou essa situação.⁴ Em 2018, as eleições dos governadores nos estados da Região Norte seguiram a mesma lógica, com apenas um governador de esquerda eleito, o que se deu pelos seguintes resultados:

Eleições 2018 – Estados Região Norte⁵

	Eleito	
Acre	PP- 53,71%	PT- 34,54%
Amapá	PDT- 33,55%	PSB- 30,10%
Amazonas	PSC- 33,73%	PDT- 32,74%
Rondônia	PSDB- 31,59%	PSL- 23,99%
Roraima	PSL- 42,27%	PSDB- 38,78%
Tocantins	PHS- 53,39%	PSB- 31,19%
Pará	MDB- 47,69%	DEM- 30,21%

Eleições municipais 2020

As eleições municipais de 2020 têm uma realidade diferente do que vimos anteriormente, pois estamos vi-

⁴<https://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes/2018/veja-o-mapa-de-apuracao-de-todas-as-cidades-do-brasil/#/cargo/presidente/local/brasil/turno/2/mapa/pais/municipio/brasil/5300108>

⁵<https://placar.eleicoes.uol.com.br/2018/1turno/governador-por-estado/>

vendo a pandemia do novo coronavírus e o Brasil já ultrapassou 100 mil óbitos.⁶ Se adequando a essa nova realidade, as eleições foram adiadas, o calendário inicial previa o primeiro turno em 4 de outubro, e o segundo, em 25 de outubro. A Proposta de Emenda Constitucional (PEC), aprovada pelo Congresso, adiou o primeiro turno para 15 de novembro, e o segundo, para 29 de novembro.⁷ Assim, as sete capitais da Região Norte já estão com as pré-candidaturas em campanha.

O quadro atual dessas pré-candidaturas demonstra a alta fragmentação, com inúmeros pré-candidatos tanto da esquerda, quanto da direita. A exceção, por enquanto, é Belém, cujo processo até aqui repete a polarização entre PSDB pela direita e PSOL pela esquerda. A tabela abaixo mostra o número de candidatos.

Pré-candidatos 2020 – Capitais da Região Norte

Belém	12 pré-candidatos
Boa vista	9 pré-candidatos
Macapá	12 pré-candidatos
Manaus	25 pré-candidatos
Palmas	16 pré-candidatos
Porto Velho	9 pré-candidatos
Rio Branco	11 pré-candidatos

⁶<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/08/08/brasil-chega-a-100-mil-mortos-por-covid-19.htm>

⁷<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2020/noticia/2020/07/02/eleicoes-2020-datas-do-calendario-eleitoral.ghtml>

Em Belém, os grupos políticos estão divididos entre os aliados do atual prefeito de Belém, Zenaldo Coutinho (PSDB); os do ex-prefeito de Belém, Edmilson Rodrigues (PSOL); e o grupo político de apoiadores do presidente Jair Bolsonaro. Entre os candidatos, tem-se o deputado federal Celso Sabino (PSDB) e Mauro Freitas, presidente da Câmara de vereadores pelo PSDC. Em aliança com o PT, Edmilson Rodrigues tenta a recandidatura.⁸ Edmilson Rodrigues e Simão Jatene (PSDB), lideram as intenções de votos na pesquisa espontânea e estimulada. Pelo campo da extrema direita, Eder Mauro (PSD) é o mais rejeitado pelos eleitores de Belém é o representante de Bolsonaro no Pará, que acredita no apoio dos bolsonaristas para alavancar sua candidatura.⁹

Em Manaus, já são 20 pré-candidatos, Amazonino e David Almeida já disputam a preferência do eleitorado da cidade, desde as eleições de 2018, quando disputaram o governo do Amazonas e parecem ser a preferência do eleitorado para 2020. Além deles teremos: o atual deputado federal, José Ricardo pelo PT; o deputado federal Capitão Alberto Neto, que já fez parte da Polícia Militar, e vem pelo Republicanos; o ex-deputado federal Marcos Rotta pelo DEM; Ricardo Nicolau, atual deputado estado pelo PSD; o deputado federal Conceição Sampaio pelo PSDB; a jornalista Liliane Araújo pelo PSL; Hissa Abraão parlamentar pelo PDT; o professor Jonas Araújo pelo PSOL; Romero Reis, Major do Exército pelo NOVO, dentre outros.¹⁰

⁸<https://jornalonorte.com.br/conheca-os-pre-candidatos-a-prefeitura-de-belem-do-para-nas-eleicoes-2020/>

⁹<https://www.romanews.com.br/cidade/pesquisa-aponta-o-cenario-de-pre-candidaturas-em-belem-e-quais-nomes/86359/>

¹⁰<https://jornalonorte.com.br/manaus-apresenta-19-pre-candidatos-a-prefeitura-nas-eleicoes-2020/>

Em Rio Branco parece que teremos a formação de várias alianças - entre as esquerdas, a centro esquerda e a extrema direita -, porém, até o momento, nada está formalizado. Essa cidade aparece como a única capital do Norte em que a esquerda tem melhor possibilidade de sair vitoriosa. O atual prefeito Marcus Alexandre, deve disputar a reeleição pelo PT tendo como principal concorrente a representante do PP, Vanda Milani; o vereador Raimundo Vaz, que deve competir pelo PR; o partido Democratas deve lançar como candidato Tião Bolacom; o PSOL lançará Valdir França; o PSD lançará Marfisa Galvão; a REDE ainda não possui um nome. Os partidos que não disputarão a eleição com candidato próprio são: PRTB, PSC, PPS, PTC e PV.¹¹

Em Macapá, as pré-candidaturas são a do advogado Ruben Bemerguy pela REDE; o deputado estadual, advogado e professor Paulo Lemos pelo PSOL; o suplente do presidente do senado Josiel Alcolumbre pelo DEM; João Capiberibe, que já foi prefeito da cidade, governador por duas vezes consecutivas e senador, entre os anos de 2011 a 2019, pelo PSB; Cirilo Fernandes já foi do PSOL e do PSL e agora tenta a prefeitura pelo PRTB. Outro pré-candidato confirmado na disputa é o ex-Secretário de Segurança Pública do Amapá, Marcos Roberto pelo PT. Ademais, o PC do B e o PDT ainda não lançaram candidatura própria, mas já pensam em seus nomes.¹²

¹¹ <https://jornalonorte.com.br/rio-branco-no-acre-possui-pelo-menos-11-pre-candidatos-a-prefeitura-nas-eleicoes-2020/>

¹² <https://jornalonorte.com.br/eleicoes-2020-conheca-os-principais-pre-candidatos-a-prefeitura-de-macapa/>

Em Boa Vista, o clima eleitoral já está esquentando. Nove partidos já sinalizaram pré-candidatos. A atual prefeita Teresa Surita (PMDB) é candidata à reeleição. Também estão no páreo para o cargo Alex Ladislau (PRP), Aline Rezende (PRTB), Roberto Ramos (PT), Jeferson Alves (PDT) e Mozarildo Cavalcanti (PTB).¹³

Em Porto Velho, até o momento, são 9 pré-candidatos e a estimativa das pesquisas realizadas é de que pelo menos seis sejam bem votados. O atual prefeito Hildon Chaves (PSDB) é um nome forte entre os candidatos e pode conquistar o segundo mandato. Além dele, estão na lista o advogado Vinícius Miguel (Cidadania), candidato mais bem votado a governador em Porto Velho nas eleições de 2018; Hermínio Coelho (PV); o PV também deve lançar o empresário Jaime Gazola; o deputado federal Léo Moraes (Podemos); e Leonel Bertolin, com expectativa de ser indicado pelo PTB.¹⁴

Em Palmas, o que chama a atenção é o excesso de interessados em tomar a cadeira da prefeita Cinthia Ribeiro (PSDB). O mais provável é que ocorra a eleição de um partido de centro direita ou extrema direita. Nesse quadro, o PSL aparece com a menor rejeição. Estão na disputa: Osires Damaso (PSC); Eli Borges (SD); Marcelo Lelis (PV); Júnior Geo (Pros); Tiago Andrino (PSB); Vanda Monteiro (PSL); Ataides Oliveira (Progressistas); Alan Barbiero (Podemos); Gil Barison (Republicanos), Raul Filho (MDB); Milton Neris

¹³<https://jornalonorte.com.br/conheca-os-seis-pre-candidatos-a-prefeitura-de-boa-vista-nas-eleicoes-2020/>

¹⁴<https://jornalonorte.com.br/eleicoes-2020-porto-velho-ja-tem-9-pre-candidatos-ao-cargo-de-prefeito/>

(PDT); Vicentinho Júnior (PL); João Helder Vilela (PT); Germana Pires (PCdoB); João Bazzoli (PSOL); e Joaquim Rocha (PMB).¹⁵

Conclusão

Analisando o histórico das últimas duas eleições municipais na Região Norte, podemos observar uma mudança na correlação de forças dos campos políticos. A esquerda perdeu força e espaço de 2012 para 2016 enquanto a direita avançou. Há um novo quadro que apresenta uma tendência crescente para uma política mais conservadora e isso se concretizou nas eleições presidenciais de 2018, posto que, em todas as capitais da Região Norte, Bolsonaro saiu vitorioso e, em muitas das capitais, as porcentagens de votos do atual presidente foram superiores à do restante do estado. A eleição dos governadores em 2018 seguiu a mesma lógica e só se elegeu um governador de esquerda.

Para as eleições municipais de 2020, as pré-candidaturas para vereador e prefeito estão a todo vapor nas sete capitais. Ocorre, no entanto, que muitas das pré-candidaturas devem diminuir por conta de coligações até a data das confirmações dos candidatos. Na maioria das capitais, temos candidatos por cinco frentes: apoiadores de Bolsonaro (extrema direita); esquerda petista; outras esquerdas; direita liberal; e centro direita. Podendo haver coligações entre frentes que querem vencer frentes opostas. Faltando

¹⁵<https://clebertoledo.com.br/politica/tempo-real-palmas-tem-16-pre-candidatos-querendo-o-lugar-de-cinthia-ribeiro/>

apenas 3 meses para as eleições, tudo parece ainda meio incerto, mas já há candidatos fortes nas disputas.

No próximo boletim pretendemos detalhar melhor o quadro nas capitais.

As eleições municipais na região Nordeste

POR ISABELA NEVES¹⁶

Este presente texto pretende introduzir o quadro eleitoral das nove capitais da região Nordeste, com o objetivo de avaliar, daqui em diante, como se sucede a eleição para a prefeitura dessas capitais. Sendo estas: Maceió, Salvador, Fortaleza, São Luís do Maranhão, João Pessoa, Recife, Teresina, Natal e Aracajú.

Essa análise verificará temáticas como a influência (ou não influência) do bolsonarismo, bem como a força dos diferentes campos políticos (direita liberal, esquerda petista e não petista), identificando assim continuidades e descontinuidades, conflitos e divergências entre as cidades.

No âmbito nacional, sabe-se que o Nordeste foi a única região em que o atual presidente Jair Bolsonaro não venceu. Fernando Haddad registrou 69,7% dos votos válidos, contabilizando 20,3 milhões de votos, contra 8,8 milhões de Bolsonaro¹⁷. Sendo que em algumas capitais foi Bolsonaro quem teve êxito, estas são: Natal, João Pessoa e Maceió¹⁸. No entanto, a preferência geral por Haddad na região não significa que o bolsonarismo de certa forma não tenha sido capaz de obter algum grau de influência, haja visto que o presidente esteve em segundo lugar no primeiro turno em muitos estados nordestinos.

¹⁶ Isabela Neves é graduanda de ciências sociais da UFRJ no 6 período e pesquisadora do NUDEB.

¹⁷ <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/29/haddad-ganha-no-nordeste-e-bolsonaro-nas-demais-regioes-do-pais.ghtml>

¹⁸ <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/eleicoes-2018/bolsonaro-foi-o-mais-votado-em-cinco-capitais-do-nordeste-8p9ytzi7sehxae92ocnawdiqn/>

Nossa hipótese é de que a adesão bolsonarista é relativamente baixa nas urnas em se tratando do nordeste e, além disso, que apesar do antipetismo ter sido um projeto que muito influenciou na política brasileira, não logrou tanto êxito, como em demais regiões, na demonização do PT e, principalmente, de outros partidos de esquerda nessa região, também no contexto municipal.

Para trabalhar essa hipótese foi coletado o histórico de prefeituras eleitas em 2016 e 2012, os governadores eleitos em 2014 e 2018 e os pré-candidatos às eleições de 2020. Essas informações foram procuradas nos jornais: G1, Folha de São Paulo, Diário do Nordeste, Jornal de Alagoas, O Norte, Diário de Pernambuco, O Imparcial, Gazeta do Povo, Esquerda Diário, Folha de Pernambuco, UOL notícias e O Globo.

Eleições municipais e pandemia: os pré-candidatos

Com a pandemia da Covid-19, houve alterações no calendário das eleições municipais, e o prazo para pedido de registro de candidatura será 26 de setembro. Dessa forma, o primeiro e segundo turnos das eleições foram alterados para os dias 15 e 29 de novembro, respectivamente. Portanto, apesar de já ser possível acompanhar algumas pré-candidaturas, elas não são oficiais.

Com a pandemia e as medidas de distanciamento, ocorre uma centralidade das mídias sociais e propagandas

de televisão nas campanhas¹⁹. As mídias sociais foram utilizadas nas eleições de 2018, a fins de campanha, significativamente. O fenômeno das fake news por exemplo evidenciou uma necessidade de aprimoramento de instrumentos de fiscalização, para apura-las.²⁰

O tempo de televisão é definido conforme o tamanho de cada bancada eleita na Câmara dos Deputados, e a coligação é importante, pois o tamanho da bancada se somará ao tempo dos seis maiores partidos da coligação. O TSE ainda não divulgou a tabela do tempo de divisão de propaganda. Com a reforma política de 2017, que estará em vigor nas eleições municipais, apenas os partidos que obtiveram, nas eleições para a Câmara dos Deputados de 2018, no mínimo, 1,5% dos votos válidos, distribuídos em pelo menos um terço das unidades da Federação, com um mínimo de 1% dos votos válidos em cada uma delas, terão acesso à propaganda gratuita no rádio e na TV. Argumenta-se que partidos pequenos serão muito prejudicados²¹.

O jornal “O Imparcial”²² especulou um cenário para São Luís do Maranhão em relação ao tempo de televisão, a partir dos candidatos que já fecharam apoio: Eduardo Braide (Podemos) teria 13 segundos, Duarte Jr (Republicanos) com 33 segundos, Neto Evangelista (DEM) 32 segundos e Rubens Júnior (PCdoB) 12 segundos.

¹⁹ <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2020/07/25/campanha-eleitoral-pandemia.htm>

²⁰ <https://g1.globo.com/politica/blog/cristiana-lobo/post/2018/12/31/redes-sociais-mudam-completamente-a-relacao-dos-eleitores-com-seus-representantes.ghtml>

²¹ <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/politica/nova-regra-deixa-partidos-nanicos-sem-tempo-de-tv-nas-eleicoes-municipais-1.2976246>

²² <https://oimparcial.com.br/politica/2020/07/pre-candidatos-a-prefeitura-de-sao-luis-e-sua-influencia-digital/>

Como Maceió, João Pessoa e Natal foram as três capitais em que Bolsonaro ganhou, cabe conjecturar que alguns candidatos poderão sim tentar se associar ao bolsonarismo. Em Maceió²³ a lista de partidos que indicou candidatos é composta pelo: PMN, PSOL, PDT, PSB, PSL, PT e PC do B. Em Natal²⁴ somavam 15 pré-candidatos até 8 de agosto de 2020. Além da provável candidatura à reeleição do prefeito Álvaro Dias (PSDB) outros candidatos são: Sérgio Leocádio (PSL), Coronel Azevedo (PSC), Roberto Paulino (PSOL) e Hermano Moraes (PSB). Em João Pessoa²⁵, por sua vez, alguns dos candidatos são: Raoni Mendes (DEM), Ruy Carneiro (PSDB), os suplentes Nilvan Ferreira (MDB) e Anísio Maia (PT), Eduardo Carneiro (PRTB) e Wallber Virgulinho (Patriota).

No Recife²⁶, alguns dos pré-candidatos na disputa da prefeitura, até então são: João Campos (PSB), e os quatro candidatos de oposição: Mendonça Filho (DEM), Daniel Coelho (Cidadania), Marília Arraes (PT) e a Delegada Patrícia Domingos (Podemos).

Em Teresina²⁷, os candidatos confirmados até o momento são: José Pessoa Leal (DEM), Kleber Mutezuma (PSDB), Fábio Abreu (Partido Liberal), Simone Pereira (PSD), Fábio Novo (PT), Valter Alencar (PSC), Diego Melo (Patriota), Fábio Sérgio (PROS).

²³ <https://jornalonorte.com.br/eleicoes-2020-quem-sera-o-proximo-prefeito-de-maceio-confira-pre-candidatos/>

²⁴ <https://jornalonorte.com.br/eleicoes-2020-alem-de-alvaro-dias-conheca-outros-concorrentes-a-prefeitura-de-natal/am>

²⁵ <https://jornalonorte.com.br/eleicoes-2020-joao-pessoa-tera-13-provaveis-candidatos-a-prefeitura/>

²⁶ <https://www.folhape.com.br/colunistas/blogdafolha/pre-candidatos-a-prefeitura-do-recife-marcam-presenca-na-festa-da-padroeira-da-cidade/19096/>

²⁷ <https://jornalonorte.com.br/saiba-quem-sao-os-pre-candidatos-a-prefeitura-de-teresina-nas-eleicoes-de-2020/amp/>

Em Salvador²⁸, alguns dos pré-candidatos são: Bruno Reis (DEM), Cezar Leite (PRTB), Denise Santiago (PT) e a ex-prefeita Lídice da Mata (PSB) que foi prefeita em 1992.

Em Aracajú²⁹ além da suposta candidatura à reeleição do atual prefeito, que em janeiro se filiou ao PDT, constam como pré-candidatos também: Almeida Lima (PV), Mário Leony (PSOL), João Tarantella (PSL) que em 2016 já concorreu ao cargo, Rodrigo Valladares (PTB) que ocupa o cargo de deputado estadual do Sergipe, Valladares Filho (PSB) que já concorreu ao governo de Sergipe e à prefeitura em 2016, Danielle Garcia (Cidadania) e Paulo Márcio (PDC).

Por fim, em Fortaleza³⁰, alguns dos que já se manifestaram como interessados em se candidatarem foram: Heitor Freire (PSL), Luizianne Lins (PT), Paula Colares (UP) e Renato Roseno (PSOL).

Continuidades entre 2012 e 2016

As eleições para prefeitura de 2012³¹ e 2016³² não expressam uma mudança muito significativa entre elas. Isso se deve ao fato de que além de ocorrerem reeleições em quatro cidades, houve permanência de partidos também em quatro cidades. Essas informações estão na tabela

²⁸ <https://jornalonorte.com.br/eleicoes-2020-conheca-os-principais-candidatos-a-prefeito-de-salvador/amp/>

²⁹ <https://jornalonorte.com.br/eleicoes-2020-conheca-os-principais-pre-candidatos-a-prefeitura-de-aracaju/>

³⁰ <https://jornalonorte.com.br/eleicoes-2020-principais-pre-candidatos-a-prefeitura-de-fortaleza/amp/>

³¹ <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2012/noticia/2012/10/psb-vai-comandar-o-maior-numero-de-prefeituras-em-capitais-do-pais.html>

³² <https://www.esquerdadiario.com.br/Eleicoes-nas-capitais-do-Nordeste-Algumas-observacoes-iniciais>

abaixo, que se refere aos partidos eleitos para a prefeitura das capitais do Nordeste nas duas últimas eleições:

Eleições municipais (2012 e 2016) - Capitais da região Nordeste.

Capitais	Eleitos em 2012	Eleitos em 2016
Aracaju	DEM	PC do B
Fortaleza	PSB	PDT
João Pessoa	PT	PSD
Maceió	PSDB	PSDB
Natal	PDT	PDT
Recife	PSB	PSB
São Luís do Maranhão	PTC	PDT
Salvador	DEM	DEM
Teresina	PSDB	PSDB

Elaborado pela autora.

As cidades em que houve reeleição foram: Maceió, João Pessoa (sendo que nessa cidade houve troca de partido por parte do prefeito Luciano Catarxo- do PT para o PSD), Teresina e Natal (com a renúncia em 2018, atualmente o prefeito é Álvaro Dias, do PSDB). E as cidades em que o governo é do mesmo partido desde 2012 são: Maceió, Salvador, Recife Teresina. No caso de Natal, o candidato Carlos Eduardo, que foi eleito pelo PDT, em 2012, também se elegeu em 2016. Ele renunciou, contudo, em 2018, e desde então o PDT não governa mais a cidade de Natal.

Em 2012, o PDT ocupava apenas uma prefeitura: a de Natal. Já em 2016, foi o partido mais eleito nas prefeituras das capitais do nordeste. Foram eleitos três candidatos do partido. Sabendo que um candidato do PDT renunciou, mas em compensação o prefeito de Aracajú foi do PC do B para o PDT, atualmente ainda existem três prefeitos desse partido.

Outro partido que tanto em 2012 quanto em 2016 aparece na prefeitura de mais de uma capital é o PSDB. Se em 2012 o PSDB possuía, nas capitais, duas prefeituras: Macaíó e Teresina, em 2016 houve reeleição desses dois candidatos e, além disso, a renúncia do ex-prefeito de Natal em 2018 fez com que o vice o sucedesse, que é Álvaro Dias, do PSDB.

As eleições de 2018: a baixa adesão ao bolsonarismo

Finalmente, aqui analisaremos a conjuntura das eleições de 2018. Como mencionado, no âmbito nacional, o antipetismo não foi forte o suficiente para que um candidato do PT fosse preterido pela opção Bolsonaro. Partindo para a análise da adesão ao bolsonarismo nesse ano, de 2020, a partir de dados³³ de junho, se examinou que, segundo fontes do Datafolha, entre os moradores do Nordeste, 52% avaliava o governo como ruim ou péssimo, e 53% “nunca confia” nas declarações do presidente. Em contrapartida, esse quadro não se manteve no mês de agosto.

³³<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/06/aprovacao-de-bolsonaro-segue-estavel-apos-pri-sao-de-queiroz-aponta-datafolha.shtml>

Também segundo pesquisa do Datafolha, com margem de erro de dois pontos percentuais para mais ou para menos, a aprovação de Bolsonaro atingiu, nesse mês, o seu maior número de todo o mandato; 37% consideram o governo bom ou ótimo³⁴. No nordeste, a rejeição foi para 35%, isto é, 17% a menos. do que mês passado. A aprovação, por sua vez, foi para 33%, subindo 6 pontos³⁵.

Com isso, a partir desses dados é possível visualizar que apesar do Nordeste ter sido visto como região de oposição ao governo, a pesquisa Datafolha desse mês registrou significativas mudanças nesse quadro. Assim sendo, torna-se relevante mapear também as eleições para governo do estado, a fim de entender mais a fundo se nesse plano houve adesão ao campo bolsonarista. A tabela abaixo expõe os partidos que foram eleitos nas eleições para governo do estado de 2014³⁶ e 2018³⁷, respectivamente:

Eleições estaduais (2014 e 2018) - estados da região Nordeste.

Estados	Eleitos em 2014	Eleitos em 2018
Alagoas	PMDB	MDB
Bahia	PT	PT
Ceará	PT	PT
Maranhão	PC do B	PC do B
Paraíba	PSB	PSB

³⁴<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/08/aprovacao-a-bolsonaro-sobe-e-e-a-melhor-desde-o-inicio-do-mandato-diz-datafolha.shtml>

³⁵<https://oglobo.globo.com/brasil/datafolha-bolsonaro-tem-melhor-avaliacao-desde-inicio-do-mandato-1-24585761>

³⁶<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/10/veja-os-27-governadores-eleitos.html>

³⁷<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/28/veja-quem-sao-os-27-governadores-eleitos-nas-eleicoes-deste-ano.ghtml>.

Pernambuco	PSB	PSB
Piauí	PT	PT
Rio Grande do Norte	PSD	PT
Sergipe	PMDB	PSD

Elaborado pela autora.

O resultado foi que houve uma larga eleição de partidos aliados a esquerda. Na Bahia, Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte os governadores são do PT. Em Pernambuco e Paraíba, do PSB. E no Maranhão o governo eleito é do PC do B. Isto contabiliza um total de sete estados do nordeste com governos alinhados à esquerda, sendo que em cinco destes houve reeleição (no Ceará, na Bahia, Piauí, Maranhão e Pernambuco).

Os partidos do centro e da direita foram eleitos em: Alagoas com o MDB pela reeleição de Renan Filho, e no Sergipe com o PSD. Observa-se, além disso, que o PSB possui um grande eleitorado em Pernambuco, haja visto que entrou não somente nas duas últimas eleições para a prefeitura da capital Recife, mas também nas duas últimas para governo do estado.

Além disso, é importante mencionar que em apenas dois estados (Sergipe e Rio Grande do Norte) as eleições foram para o segundo turno, nos demais estados os governadores foram decididos logo no primeiro turno.

Conclusão

O Nordeste é visto como núcleo duro do PT. Em contrapartida, ao avaliarmos as prefeituras das capitais do nordeste, tanto em 2012 quanto em 2016, nota-se que praticamente não foram eleitos candidatos petistas (a única exceção é João Pessoa em 2012).

O cenário em 2018, com a eleição de quatro candidatos do PT, caminha para outro ângulo do que se pode concluir a respeito das eleições municipais (de 2012 e 2016). Aqui a adesão ao partido foi alta. Com isso, é possível especular que, como ao examinar a prefeitura das capitais se exclui as outras cidades, pode ser graças a estas últimas o grande contingente de votos em candidatos petistas. Para o Cientista Político David Fleischer da Universidade de Brasília, por exemplo, o fato de Bolsonaro ter saído vitorioso em três capitais, pode estar ligado a uma menor dependência do Bolsa Família quando comparado com as demais cidades³⁸.

No que se refere ao pós eleições de 2018, alguns acontecimentos tem que ser levados em conta, entre eles a soltura de Lula, e como isso mobilizou uma região considerada núcleo duro lulista. Ainda, no contexto de pandemia, frente ao negacionismo e os conflitos durante a crise sanitária da covid, espera-se que a reprovação a Bolsonaro tenha aumentado, e isto parecia vir se manifestando³⁹. No entanto, a última pesquisa do Datafolha sugere uma mudança significativa na aprovação e desaprovação ao governo. Os

³⁸ <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/eleicoes-2018/bolsonaro-foi-o-mais-votado-em-cinco-capitais-do-nordeste-8p9ytzi7sehxae92ocnawdiqn/>

³⁹ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/rejeicao-a-bolsonaro-bate-recorde-mas-base-se-mantem-diz-datafolha.shtml>

jornais, como o G1, argumentam que isso se deveu ao auxílio emergencial de Paulo Guedes. Se antes a base de apoio a Bolsonaro eram sobretudo as classes médias e pessoas mais escolarizadas, esse quadro pode estar se invertendo⁴⁰.

Bem como metade dos beneficiários do Bolsa Família estavam no Nordeste⁴¹, ainda que as medidas bolsonaristas se diferenciem das petistas, segundo dados do PNAD (Pesquisa Nacional por amostras de domicílios) do IBGE a renda básica está em 58,9% dos lares nordestinos. Isso pode ser uma explicação possível para a diminuição da rejeição ao presidente e melhor avaliação do mesmo na região, basta compreender agora em que nível isto tem se sucedido nas capitais.

Além disso, cabe analisar para os próximos boletins, também, as coligações que definirão as articulações da esquerda, direita liberal e direita bolsonarista nas eleições municipais. Além do elo petista que já se percebe no Nordeste, é preciso observar candidatos do PSB e do PDT. Este último foi muito votado nas capitais, a partir das eleições municipais de 2016.

Conclui-se, diante desse quadro, que houve uma baixa entrada de partidos de extrema direita nas eleições anteriores, tanto da prefeitura quanto para governo do estado. Isso não significa dizer, no entanto, que partidos do chamado centrão (posicionados na direita liberal) pareçam ter baixa adesão. Para mais, o aumento do número dos que

⁴⁰ <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/03/pesquisa-datafolha-veja-perfil-dos-eleitores-de-cada-candidato-a-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-e-regiao.ghtml>

⁴¹ <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/08/02/bolsonaro-nordeste-auxilio-bolsa-familia-aprovacao.htm>

avaliam positivamente o presidente, se continuada nos próximos meses, pode ocasionar o alinhamento de candidatos, que objetivam a própria eleição, à ideologia bolsonarista. No mais, aguardemos as candidaturas oficiais de cada região.

As eleições nas capitais da Região Centro-Oeste

POR JOSUÉ MEDEIROS

O presente boletim tem como objetivo mapear as eleições municipais de 2020 nas capitais da Região Centro-Oeste: Campo Grande –MS; Cuiabá – MT; Goiânia – GO, buscando analisar como os campos políticos da esquerda e da direita se organizam para o pleito.

Para isso, primeiro faremos um histórico das eleições municipais passadas, de 2008 até 2016, mostrando a diminuição do espaço da esquerda e também do processo eleitoral de 2018, com a emergência do bolsonarismo. Em seguida, apresentaremos de modo sucinto o quadro eleitoral do presente pleito, ainda marcado por uma enorme indefinição.

As fontes usadas para essa pesquisa foram os sites da Wikipedia e Datapedia, além de portais de notícias como El País e Folha de São Paulo.

Histórico eleitoral da Região Centro-Oeste

Do ponto de vista dos campos políticos, a região Centro-Oeste sempre apresentou os piores números para o campo progressista, junto com a Região Sul. Nas eleições presidenciais de 2002, Lula venceu em todas as regiões do Brasil.⁴² Já em 2006, na reeleição, ele foi derrotado no Sul e Centro-Oeste por Geraldo Alckmin, do PSDB. Desde então, a oposição de direita venceu nos Estados da região em

⁴²<https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u41692.shtml?origin=folha>

2010 e 2014, o mesmo ocorrendo em 2018 com Bolsonaro.⁴³

Nas eleições para governador nos três Estados, o quadro é similar: a esquerda jamais governou Goiás e governou apenas uma vez o Mato Grosso, com Dante de Oliveira pelo PDT entre 1995 e 1998 (político que antes fora do PMDB e que depois foi para o PSDB) e uma vez o Mato Grosso do Sul com Zeca do PT entre 1999 e 2006.

A força do agronegócio é costuma ser a variável explicativa para esse contínuo voto anti-esquerda na região.

Histórico eleitoral da Região Centro-Oeste

Entre as eleições de 2008 e 2012, no auge do lulismo, é possível perceber que a esquerda ganha espaço em Goiânia e Cuiabá, só mantendo seu histórico ruim em Campo Grande. Em 2016, contudo, na esteira do golpe de 2016, o cenário histórico de domínio da direita se refez.

Em Goiânia, capital com histórico positivo do PT antes mesmo do lulismo, que , governou a cidade entre 1993 e 1996 e entre 2001 e 2004, o partido elege o vice-prefeito em 2008 (em aliança com o PMDB) e o prefeito em 2012, governando até 2016, quando então a direita volta. A tabela abaixo faz um histórico do pleito na cidade

Eleições Goiânia – 2008/2012/2016



⁴³https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/08/politica/1538967626_336129.html

2008	PMDB – 74%	PP – 15,75%
2012	PT – 57,7%	PTB – 14,2%
2016	PMDB – 57,7%	PSB – 42,3%

Em Cuiabá, o quadro histórico de domínio da direita foi interrompido em 2012, quando dois candidatos de partidos de esquerda disputaram o segundo turno, com vitória do PSB sobre o PT. Em 2016, contudo, a situação anterior de hegemonia da direita retornou, conforme mostra a tabela abaixo.

Eleições Cuiabá- 2008/2012/2016

2008	PSDB – 60,5%	PR – 39,5%
2012	PSB – 54,6,5%	PT – 45,4%
2016	PMDB – 60,4%	PSDB – 15,75%

Já em Campo Grande, a esquerda só ameaçou o domínio direitista em 2008, quando o PT conseguiu um segundo lugar no pleito. O histórico de sucessivas administrações de direita na capital não foi interrompido nem mesmo no auge do lulismo, conforme mostra a tabela abaixo.

Eleições Campo Grande – 2008/2012/2016

2008	PMDB – 71,4%	PT – 23,2%
2012	PP – 62,5%	PMDB – 37,5%

2016	PSD – 58,7%	PSDB – 39,6%
-------------	-------------	--------------

Uma vez feito esse histórico, passamos então para análise das eleições de 2020, para a qual é necessário inserir o bolsonarismo como ator político.

As eleições de 2020 e o novo ator bolsonarista

As eleições para governador do Estado na Região Centro-Oeste foram dominadas em 2018 por partidos tradicionais da direita: DEM, com dois governadores eleitos, PSDB com um, além de PR e MDB que chegaram em segundo lugar. A única agremiação que foge desse padrão é o PDT, derrotado no Mato Grosso do Sul. A tabela abaixo sintetiza o quadro

Eleições 2018 – Estados Região Centro-Oeste

Mato Grosso do Sul	PSDB – 52,3%	PDT – 47,7%
Mato Grosso	DEM – 58,7%	PR – 19,5%
Goiás	DEM – 59,7%	MDB – 16,1%

Contudo, o então candidato Jair Bolsonaro venceu de forma avassaladora na região, com 66,5% dos votos, seu segundo melhor resultado, atrás apenas da Região Sul. Nessa toada, todos os governadores eleitos na região pegaram carona no Bolsonarismo para consolidar suas vitórias.

Em 2020, contudo, o bolsonarismo se apresenta como uma força política desorganizada, fruto da ruptura de

presidente Jair Bolsonaro com o seu partido, PSL e também da tentativa frustrada de criação do Aliança Pelo Brasil, futuro partido bolsonarista. Nesse cenário, o bolsonarismo está sem candidato em Campo Grande, pois o deputado estadual Capitão Contar saiu do PSL e esta sem partido. Em Goiânia, o deputado Major Araújo do PSL tentará herdar esses votos, o mesmo ocorrendo com Paulo Henrique Grando do Partido Novo em Cuiabá.

Assim, não será possível, nesse pleito, medir a sobreposição de votos da direita tradicional e do bolsonarismo, em um quadro de absoluto favoritismo para as candidaturas a reeleição, todas elas de partidos tradicionais da direita.

Em Goiânia, o atual prefeito, Iris Resende, tem 86 anos, cogita não concorrer. O governador Ronaldo Caiado, do DEM, vai apoiá-lo e pode lançar candidato caso ele não concorra. Em Campo grande, o atual prefeito, Marcos Trad, do PSD, deve contar como o apoio do governo do Estado, que é do PSDB. Somente em Cuiabá o governador não apoiará a reeleição do atual prefeito, Emanuel Pinheiro, do MDB, que já conta com o apoio de outros 8 partidos.

Em todas as cidades o cenário da esquerda é de fragmentação: em Goiânia, PT, PDT, PSB, PV, REDE, PSOL e UP tem pré-candidaturas. O PT leva vantagem pelo histórico da cidade e tem Adriana Accorsi, deputada estadual, como nome. Em Campo Grande PT, PDT, PSOL, PC do b, PV tem candidatos. Já em Cuiabá há uma polarização entre PT e PDT.

Conclusão

O quadro eleitoral na Região Centro-Oeste em 2020 tende a repetir 2016, quando os partidos de direita saíram vitoriosos dos pleitos. Olhando pela superfície das disputas políticas, também repetirá 2018, que teve como resultado o mesmo domínio direitista.

Contudo, conforme argumentamos, em 2018 quem de fato venceu as eleições na região foi o bolsonarismo que, desorganizado e em conflito interno, não se apresentará com força nas eleições municipais deste ano. Isso permitirá que os partidos de direita tradicionais mantenham suas posições até a eleição presidencial de 2022.

Já a esquerda repete o quadro de 2018 e da maioria das capitais, se apresentando fragmentada nas eleições, o que diminui não só as chances de vitória, como até mesmo de protagonizar a disputa eleitoral contra a direita.

Eleições municipais 2020: o caso da Região Sul

POR SOFIA GARDEL⁴⁴

O presente texto tem como objetivo mapear o cenário eleitoral que se desenha hoje nas capitais da região Sul do Brasil (Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre) tendo em vista as eleições municipais que ocorrerão em Novembro de 2020 no país. Pretendemos também nos debruçar aqui de forma comparativa sobre as dinâmicas e resultados das eleições recentes (2018/2016) nas mesmas cidades, a fim de adquirir compreensão histórica dos processos de disputa política da região. Partindo de uma moldura que hoje enquadra a crise do coronavírus, a capacidade dos atuais prefeitos ou não de responder a ela, e disputas envolvendo bolsonarismo vs polos alternativos, procuramos compreender não só como estas configurações estão se desenhando nos cenários municipais da região, mas também como correlacionar isto com dinâmicas mais amplas e nacionais. Temos a expectativa, assim, de compreender um pouco mais sobre as dinâmicas de disputa de sociedade num geral, tendo em vista a composição ou não de frentes e coligações – e o que esses estudos locais podem nos ajudar em termos gerais de disputa de sociedade, do indicativo de forças e estratégias de cada campo político. É importante notar, ainda, que esta é uma análise eminentemente inicial, já que muitos partidos ainda estão em fase de pré-candidaturas ou sem candidatos consolidados. A pesquisa foi feita com base em

⁴⁴ Sofia Gardel é graduanda do 4º período de Ciências Sociais da UFRJ

matérias de jornais nacionais e locais, e em dados eleitorais prévios disponibilizados online.

Organizamos este texto dividindo as capitais em tópicos distintos a partir da influência e organização histórica do campo das esquerdas em cada município. De um modo geral, o que procuramos compreender com este texto é não só as próprias dinâmicas das futuras eleições em si, mas tomá-las como ensaios de disputa de sociedade num plano geral e de disputas de projetos com vistas às eleições presidenciais de 2022. Nossa hipótese é a de que, de um modo geral, as esquerdas não têm conseguido se organizar em frentes como alternativas à direita e ao bolsonarismo – e assim, por isso tendem a entrar e sair enfraquecidas dos processos eleitorais apresentados. Apesar da declaração de 02/06 de que *“Não pretende apoiar prefeito em lugar nenhum”*⁴⁵ e de estar sem sigla partidária, Bolsonaro ainda surfa numa onda de popularidade, com projeto político e econômico consolidado que certamente ecoará nas eleições municipais.

Outro fator importante na nossa análise é a nova legislação que proíbe coligações para candidatos a vereador. Isso altera a correlação de forças para possibilidade de coligações na maioria dos municípios, uma vez que siglas que não tiverem candidatos próprios à prefeitura terão mais dificuldades de conquistar cadeiras na Câmara. Conforme uma reportagem publicada pelo jornal Brasil de Fato em

⁴⁵ https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/06/02/interna_politica,860296/bolsonaro-sobre-eleicoes-nao-pretendo-apoiar-prefeito-em-lugar-nenhum.shtml

11/02/2020⁴⁶, o país poderá ultrapassar a marca de 1 milhão de candidatos a prefeito, vice-prefeito e vereador. Isso coloca mais um possível obstáculo no debate da frente ampla, ou frente de esquerda. Esperamos que o caso da região Sul elucidie alguns meandros dos obstáculos, possibilidades e materialidades da consolidação de frentes na disputa não só eleitoral, mas de projetos políticos.

* * *

Existe um imaginário geral de que a região Sul seria berço e lócus de um eleitorado especialmente conservador no país. Movimentos separatistas, concentração especial de propaganda nazista nos anos 20 /30 podem ser alguns elementos que entram nessa imagem um pouco real, um pouco fantasiosa. Desde 2006, a maioria dos estados da região teria optado por candidatos da direita nas eleições presidenciais.

Partimos aqui um pouco desse imaginário de forma ampla, para nos debruçar sobre os diferentes estados, e as diferentes capitais. Essa 'lenda' tem raízes na própria colonização da região; que, protagonizada especialmente por alemães e italianos, teve um processo formativo diferente do resto do Brasil. A falta de interesse inicial dos portugueses pela região são motivos importantes, pela distância das células de colonização do eixo Sudeste-Nordeste. Mais tarde, mesmo com a ocupação paulista e de luso-brasileiros no território, a agricultura e principalmente a pecuária eram voltadas para dentro, para o próprio local, na contra-mão do resto do país. O cultivo de subsistência persistiu

⁴⁶ <https://www.brasildefato.com.br/2020/02/11/brasil-pode-ultrapassar-a-marca-de-um-milhao-de-candidatos-nas-eleicoes-2020>

mesmo no séc. XIX e com a chegada dos imigrantes: o processo produtivo diferenciado (a baixa presença de latifúndios) explica algumas melhoras econômicas importantes e históricas em comparação com o resto do país.

Essa breve trajetória histórica nos ajuda a entender elementos de particularidades do Sul: mas para analisar os processos eleitorais de 2020, queremos compreender também as particularidades de cada município. Assim, compreendemos que tradições políticas distintas organizam os estados, municípios e regiões. No caso do Paraná, por exemplo, o jornalista Nilson Lage explica que a baixa industrialização do Estado nos dá indicativo de porquê o novo sindicalismo – e assim, o processo que culminou na fundação do PT – foi inumeramente mais baixo e mais fraco. Em 2018, os paranaenses deram 57% dos votos à Bolsonaro⁴⁷. Nesse caldo, a região não à toa foi berço da Operação Lava Jato. Já o Rio Grande do Sul, por exemplo – estado onde num geral, o PT é mais forte –, as origens do partido vieram muito mais de uma classe média intelectualizada do que do caldo do novo sindicalismo.

De um modo geral, se entendemos que os Estados possuem diferenciações importantes, queremos, a partir de suas tradições, organizar os municípios de acordo com seus resultados eleitorais prévios e perspectivas futuras de cada campo político da disputa – direita e esquerda.

1) Curitiba e Florianópolis

⁴⁷ <https://www.brasilefato.com.br/2020/02/11/brasil-pode-ultrapassar-a-marca-de-um-milhao-de-candidatos-nas-eleicoes-2020>

A escolha de dividir o texto nesse formato partiu principalmente das divergências de resultados eleitorais e organização política entre os três estados e, especificamente, as três capitais. Apenas tratando dos resultados das eleições presidenciais de 2018, o caso de Porto Alegre entre os 3 foi o único em que no primeiro turno, Haddad foi o segundo candidato mais votado, logo atrás de Bolsonaro – e onde os resultados do segundo turno foram de 56,85% para 43,15% para o candidato petista. No caso das outras capitais, foi Ciro quem ficou logo atrás de Bolsonaro no primeiro turno e os resultados do segundo foram bem mais discrepantes: Bolsonaro venceu em Florianópolis de 64,86% contra 35,14% do petista e em Curitiba, por 76,54% contra 23,46%.⁴⁸

O professor do curso de pós-graduação em Ciência Política da UFPR Emerson Urizzi Cervi, argumenta em entrevista⁴⁹ que o Paraná pode ser dividido em: um Paraná tradicional colonizado pelo estado e as regiões norte e oeste, nascidas da venda de propriedades rurais gigantes por empresas loteadoras. “*Temos uma direita mais liberal. Ali o PSDB sempre foi muito bem votado.*” – e – uma região minoritária, a sudoeste. Mais ligado ao trabalhismo e aos movimentos de luta pela terra. “*É um progressismo rural*”. Nesse amplo contexto, nos debruçamos no cenário de disputas e Curitiba hoje nos parece ser o caso, ainda, mais caótico, com o maior número de pré-candidaturas até agora e um recorde na história do município. O calendário eleitoral prevê convenções

⁴⁸ Todos esses resultados são provenientes da plataforma Eleições 2018 da Gazeta do Povo. <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/resultados/>

⁴⁹ <https://www.cartacapital.com.br/carta-capital/antipetismo-parana-moro-dallagnol-gebran/>

eleitorais de 31 de Agosto a 16 de Setembro, mas por enquanto 19 pré-candidaturas já foram apresentadas. Nessa proliferação, tanto a esquerda quanto a direita se dividiram e apresentaram candidaturas das mais diversas. Isso indica não só a priori uma pulverização dos votos em si, mas da própria possibilidade de disputa, que com base na eleição de 2016 e na análise de cientistas políticos locais⁵⁰, ficará centrada principalmente entre o atual prefeito, Rafael Greca (DEM) e o PSD, que ainda não decidiu candidato e é o partido do governador do Estado, Ratinho Júnior. Por enquanto a sinalização do partido é em torno do deputado federal Ney Leprevost, mas existe possibilidade de uma aliança com o DEM. A disputa de 2016 foi justamente entre esses dois candidatos, com Greca ganhando por uma margem de 6,5%. Num jogo que aparentemente começa com cartas tão ‘marcadas’, a tentativa de pulverização dos votos na disputa – principalmente pela direita, que tem mais força – pode colocar um ponto de interrogação sobre as possibilidades do segundo turno. São pelo menos 10 pré-candidatos do campo da direita que já confirmaram suas candidaturas.⁵¹

A esquerda também optou por se pulverizar, com candidatos diversos pelo PT, PSOL, PCDOB, PSB e por enquanto *dois* aparentes candidatos pelo PDT.

No caso de Florianópolis⁵², a esquerda têm conseguido aglutinar um polo em torno de uma candidatura unitária,

⁵⁰ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/08/eleicao-em-curitiba-tem-racha-da-centro-direita-e-disputa-por-ratinho-jr.shtml>

⁵¹ Fernando Francischini possibilitou seu nome pelo PSL, mas vale lembrar que o partido no Estado é rachado com Bolsonaro.

⁵² <https://epoca.globo.com/brasil/polo-bolsonarista-florianopolis-organiza-frente-de-esquerda-como-laboratorio-para-2022-24509053>

no nome de Elson Pereira (PSOL) – apesar de o vice ainda não ter sido acordado. A direita por sua vez se encontra mais dividida, com o que parecem ser duas possibilidades em jogo. Um dos seus principais nomes, o atual prefeito Gean Loureiro realizou a movimentação em 2019 de desfiliação e nova filiação ao DEM. Isso mudou o cenário das últimas eleições da capital que tradicionalmente divide os aliados do PP (no nome de Angela Amin) e da base do ex-prefeito Dário Berger (MDB). Esse movimento do ex-emedebista de filiação ao DEM aglutinou um polo com PSD, Republicanos, Podemos, PSC e PSDB em torno de si – e portanto uma resposta de outro polo, com Amins e MDBistas. Os bolsonaristas ainda procuram um nome que represente uma candidatura clara - entre os nomes está o suplente de deputado federal Edgar Lopes, do Patriota. Além deles, o Novo aprovou o advogado Orlando Silva como pré-candidato.

2) Porto Alegre

O caso de Porto Alegre é o caso de uma tradição política diversa, com forte presença histórica de partidos de esquerda (principalmente PT e PDT), que tem lastro em figuras importantes como Leonel Brizola e com marcos históricos importantes de governos petistas duradouros. Esse caldo de experiências bem sucedidas num largo plano histórico, tanto pelo trabalhismo quanto pelo petismo dá à disputa de 2020 em Porto Alegre um ar diferenciado.

No caso do PT, o partido veio a ter um número de mandatos seguidos bastante expressivo (4 mandatos). A tradição trabalhista e de esquerda, que vem de meados dos anos 70/80 e perdura até hoje, sofreu vitórias e recuos ao longo do tempo e dos processos. No seio das duas tradições,

medidas como o “modo petista de governar”⁵³, segundo o historiador Lincoln Secco – explicam esse caldo e parte de uma tradição de esquerda no município. “Porto Alegre foi uma vitrine disso para o PT”, explica. Não à toa, o município ainda foi berço diversas vezes do Fórum Social Mundial.

Mais recentemente, esse ciclo sofreu recuos importantes. Desde meados de 2010, a prefeitura se alterna entre PDT, PMBD e PSDB, culminando na eleição do atual prefeito Nelson Merchezan Junior. Para 2020, o cenário do atual prefeito é de enfrentamento de um processo de impeachment, aprovado pela Câmara Municipal contra ele no dia 5 de Agosto.

Numa situação similar à de Curitiba, o município a priori se depara com um número grande de pré-candidaturas – ainda que num contrapeso ao município paranaense, um número alto de nomes da esquerda (PSOL, PDT e UP lançarão candidaturas, enquanto o PCdoB se coligará com PT numa chapa Manuela D’Avilla/Miguel Rosetto). Merchezan Junior tentará a reeleição com apoio do PSL. De um modo geral, nas grandes metrópoles do Sudeste e do Sul, os favoritos às prefeituras levam vantagem pela reeleição: Merchezan de acordo com o Instituto Paraná Pesquisas, em agosto de 2020 têm pelo menos 20% das intenções de voto.⁵⁴

⁵³ é definido “pela inversão de prioridades com investimentos sociais e orçamento participativo”
<https://www.insper.edu.br/noticias/imprensa-primeira-dinastia-do-pt-o-que-porto-alegre-representa-para-o-partido/>

⁵⁴ <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/08/4867280-de-carona-com-o-presidente.html>

Conclusão

À luz da nossa tentativa de apresentar e elucidar as possibilidades e desafios da composição de frentes como locus de uma disputa de projetos entre campos políticos, fica notório que mesmo nas regiões com tradição política clara, essa tentativa hoje fica relativamente difusa, falha ou truncada na maioria dos municípios. O bolsonarismo não é um fenômeno completamente inédito, mas coloca desafios novos para a correlação de forças da esquerda de se organizar enquanto alternativa política. Apesar da situação do campo da direita, como apresentamos acima, também não ser exatamente homogênea entre os partidos – Bolsonaro ainda pode aglutinar votos e expressão importante ao candidato que se ligar à sua imagem. A capacidade de enfrentamento da pandemia certamente vai pesar nas configurações eleitorais deste ano, e a avaliação de respostas a ela principalmente de prefeitos que tentarem a reeleição.

Ainda assim é importante lembrar que, hoje ainda, não há uma legenda específica para abrigar os bolsonaristas, o que faz com que muitos que se identificam com a figura do mandatário se apresentem para concorrer à mesma prefeitura, dividindo o eleitorado. Sem dúvida, as eleições municipais são uma arena-laboratório primordial para as eleições de 2022, e Bolsonaro sabe disso; por isso, acreditamos aqui, a importância da composição de frentes que consigam ter um sentido e motivo de disputa. Num cenário aparente de refluxo apático para a oposição, que sofreu derrotas marcantes como o golpe da Dilma e a prisão do Lula – mas também com derrotas estruturantes de longa

duração, como a reforma trabalhista, a EC95 e a reforma da previdência – a resposta para ‘virar a maré’ política certamente passa pela capacidade de utilizar os processos eleitorais como momentos de efervescência de debates de disputa de temas amplos – como emprego, saúde, educação, etc. Nisso, a breve retomada das tradições políticas dos municípios sulinos nos pareceu importante pela compreensão de caminhos e trajetórias que não só os partidos, mas os projetos e os municípios vivem. No entanto, mais uma vez, a região não se encontra isolada de um contexto político mais geral: as dificuldades e impasses certamente são nacionalizáveis, com uma crise das organizações partidárias com suas bases que não se iniciou e nem se resolverá nos processos eleitorais de 2020.

Eleições Municipais 2020: São Paulo, Belo Horizonte e Vitória

POR DANIEL SOUSA⁵⁵

O presente texto tem como objetivo monitorar as eleições municipais de 2020 nas capitais do Sudeste (com exceção do Rio de Janeiro, que tem um acompanhamento próprio). Dessa forma, a pesquisa pretende acompanhar como os campos políticos da direita e da esquerda estão se organizando em São Paulo, Belo Horizonte e Vitória. O texto foi dividido de modo a construir um paralelo de 2012, 2016, e 2018 de forma a deixar mais evidente nossa hipótese de que haverá um protagonismo da direita tradicional diante da fragmentação da esquerda e da indefinição do bolsonarismo.

Para isso, analisamos comparativamente o quadro eleitoral das eleições municipais de 2012 e 2016 e da eleição geral de 2018 a fim de compreender o rearranjo político nas cidades e como ele se situa na projeção para as eleições municipais de 2020 e também para o pleito presidencial de 2022.

As eleições municipais são responsáveis por eleger prefeitos e vereadores para a administração da cidade. Diante da pandemia, as eleições tiveram suas datas referentes ao 1º e 2º turno alteradas dos dias 4 e 25 de outubro, para os dias 15 e 29 de novembro, respectivamente.

Além disso, o Congresso aprovou a suspensão do uso da identificação biométrica com intuito de minimizar o

⁵⁵ Daniel Sousa é graduando do 4 período de Ciências Sociais e Pesquisador do NUDEB

contágio e outras medidas estão sendo estudadas, tais como a ampliação do horário de votação.

Para realizar este estudo, utilizamos como fonte de dados pesquisas realizadas por consultorias disponibilizadas de matérias jornalísticas online.

Retrospectiva das eleições municipais 2012 e 2016 e de 2018.

Em 2012, quando o fenômeno político do lulismo estava no auge da força política, encontramos proporcionalmente mais legendas de centro e de esquerda nas capitais analisadas comparativamente aos outros anos que se sucedem.

Eleições 2012 – Capitais Região Sudeste ⁵⁶

Cidades	Eleito	Derrotado
Vitória	PPS – 52,73%	PSDB – 47,27%
São Paulo	PT – 55,57%	PSDB – 44,43%
Belo Horizonte	PSB – 52,69	PT – 40,80%

O ano de 2016 evidencia a mudança de hegemonia política que pode ser verificada nas eleições e também pelo golpe contra a ex-presidente Dilma. O cenário naquele ano era ligeiramente menos conservador comparativamente a 2018.

⁵⁶ <https://placar.eleicoes.uol.com.br/2012/2turno>

Eleições 2016 - Capitais Região Sudeste ⁵⁷

Cidades	Eleito	Derrotado
Vitória	PPS - 51,19%	SD - 48,81%
São Paulo	PSDB - 53,29%	PT - 16,70%
Belo Horizonte	PHS - 52,98	PSDB - 47,02%

Eleições 2018 - Capitais Região Sudeste (GOVERNADOR) ⁵⁸

Estados	Eleito	Derrotado
Espírito Santo	PSB - 55,49%	PSL - 27,22%
São Paulo	PSDB - 51,75%	PSB - 48,25%
Minas Gerais	NOVO - 71,80%	PSDB - 28,20%

Desta forma, navegando na onda conservadora, candidatos conservadores ancorados no pós golpe aproveitaram o movimento de alta do antipetismo para impulsionar suas candidaturas.

Em São Paulo, João Dória (PSDB) foi eleito prefeito com 3.085.187 (53,29%) dos votos no 1º turno, vencendo o então mandatário, Fernando Haddad. Em 2018, Dória deixaria seu mandato para disputar o pleito de governador de

⁵⁷ <https://placar.eleicoes.uol.com.br/2016/2turno/>

⁵⁸ <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/apuracao/brasil/>

São Paulo, do qual saiu vencedor com 51,75 % contra Márcio França (PSB) no 2º turno. Isso, abriu espaço para seu correligionário Bruno Covas, se tornar prefeito e agora disputar a reeleição. Mas o eixo principal daquele pleito foi Jair Bolsonaro, que venceu no estado e na capital com 67,97% e 60,38%, respectivamente dos votos válidos no segundo turno.⁵⁹

Vitória seguiu a linha de 2016, com a reeleição do prefeito Luciano Rezende (Cidadania) com 98.937 (52,73%) dos votos válidos, derrotando Amaro Neto (Solidariedade), um candidato vinculado a Rede Record. Bolsonaro também foi vitorioso no Estado em 2018, com 54,76% no 2º turno. O diferencial ocorreu nas eleições para governador, com a reeleição de Renato Casagrande (PSB).

Em Minas Gerais, com 628.050 (52,98%) dos votos válidos, Alexandre Kalil, na época filiado ao PHS e hoje PSD, foi eleito prefeito da capital mineira, derrotando João Leite (PSDB), em um quadro marcado por duas candidaturas principais de direita (o que não ocorreu em São Paulo e Vitória).

Em 2018, no Estado de Minas e também na capital, Bolsonaro foi vitorioso com 58,19% e 65,59% dos votos válidos no 2º turno. A eleição para governador foi na mesma direção, alinhando-se ao conservadorismo com a eleição de Romeu Zema (Novo), com 71,80% no 2º turno contra Anastasia, do PSDB, em mais uma disputa que mostra a força da direita no Estado.

⁵⁹<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/resultados/mapa-eleitoral-de-presidente-por-estados-2turno/>

Posto isso, dos três estados analisadas, observamos a vitória eleitoral de dois governadores de direita, sendo eles, um alinhado ao bolsonarismo - Zema (NOVO), um de direita tradicional - Dória (PSDB) e o outro de esquerda - Renato Casagrande (PSB). Contudo, todos os três estados promoveram a vitória bolsonarista no pleito presidencial do mesmo ano, consolidando uma tendência de avanço das direitas, juntamente a um enfraquecimento dos partidos de esquerda que vinha ocorrendo desde 2012.

Eleições 2020

O quadro eleitoral para 2020 apresenta uma fragmentação da esquerda e a manutenção de uma tendência conservadora que favorece a direita. Nesse campo, há uma desorganização do campo bolsonarista o que pode favorecer a direita tradicional.

Após uma série de fraturas e eventuais rupturas na direita bolsonarista. O presidente rompeu com o PSL, não viabilizou seu novo partido, Aliança pelo Brasil, abrindo espaço para que os quadros que querem defender seu governo procurem outros partidos. Para agravar a situação, o próprio presidente Jair Bolsonaro, disse “ficará de fora”⁶⁰ das eleições municipais no que diz respeito a apoio a candidaturas.

Em caminho tomado por diversos nomes do bolsonarismo “raiz” foi o refúgio no partido do vice do presidente, Hamilton Mourão (PRTB). Levy Fidelix, que é um dos

⁶⁰<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,se-partido-nao-for-aprovado-ate-marco-bolsonaro-fica-fora-da-eleicao-municipal,70003097293>

pré candidatos a prefeitura de São Paulo, confirmou, em seu perfil no Instagram - *“Eleições 2020: Sem o Aliança pelo Brasil, o PRTB é uma das opções para Bolsonaroistas.”*⁶¹, que espera ganhar mais adeptos nesta eleição. Porém, há um intenso fluxo de transferência também para o Republicanos, partido ligado a Rede Record.⁶²

Em São Paulo, figuras expressivas se converteram em ex-bolsonaristas, ficando no PSL e rompendo com o presidente, tais como Joice Hasselmann e Arthur do Val. Nesse campo, há a pré-candidatura de Filipe Sabará (NOVO), que foi afilhado político de João Dória e que busca se posicionar para disputar eleitores bolsonaristas em São Paulo⁶³ juntamente com Andrea Matarazzo (PSD). Nomes próximos a Bolsonaro, como Datena, abdicaram da candidatura, não assumindo a campanha. Outro candidato que vem adquirindo protagonismo nas pesquisas de opinião é Celso Russomanno, (Republicanos), que é deputado federal, tem 24% das intenções de voto,⁶⁴ onde de acordo com a pesquisa realizada pelo Ibope Inteligência, ele fica à frente de Bruno Covas, com 18%, empatando na margem de erro.

Por fim, na esfera da direita tradicional, Bruno Covas, candidato à reeleição e correligionário de João Dória que, até o momento dispõe da maior coalizão⁶⁵, (PSC, Podemos, Cidadania, DEM e PL), o que dá uma dimensão da sua

⁶¹ https://www.instagram.com/p/B8G6N1qhjD1/?utm_source=ig_embed

⁶² <https://oglobo.globo.com/brasil/sem-alianca-prtb-republicanos-vaio-abrigar-candidatos-bolsonaristas-24270109>

⁶³ <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/07/20/pre-candidato-do-novo-aposta-no-voto-bolsodoria.htm>

⁶⁴ https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,russomanno-tem-24-e-bruno-covas-18-para-prefeito-de-sp-diz-ibope,70003243106?utm_source=twitter:newsfeed&utm_medium=social-organic&utm_campaign=redes-sociais:032020:e&utm_content=:::&utm_term=

⁶⁵ <https://noticias.r7.com/sao-paulo/eleicoes-2020-sp-tem-cenario-embolado-e-12-pre-candidatos-02082020>

força e favoritismo. Nesse campo, ele provavelmente terá como adversária a Martha Suplicy (SD).

No que concerne à esquerda paulista, o quadro está quase fechado e apresenta alta fragmentação. O PT indicou o ex secretário dos transportes no governo Haddad, Jilmar Tatto, cuja candidatura começou a ser questionada por petistas quando o PSOL escolheu o candidato a presidente em 2018, Guilherme Boulos. O líder do MTST vem atraindo petistas históricos, ameaçando assim o nome oficial do PT⁶⁶. No PCdoB, há a candidatura do ex-ministro dos Esportes, Orlando Silva.

Por fim, o PSB lançou Márcio França, ex-vice governador de São Paulo e que quase venceu as eleições no Estado em 2018. França conta com o apoio do PDT. Contudo, França se encontrou com Bolsonaro na esteira de acontecimentos no Líbano, o que levou a especulações sobre uma aproximação. O PDT reagiu, na figura do seu presidente nacional. Carlos Lupi (PDT), ameaçando romper a aliança: *"O PDT não irá tolerar pré-candidato vinculado ao bolsonarismo. Se houver algum caso, terá sua pré-candidatura suspensa. Estaremos atentos se houver qualquer denúncia"*,⁶⁷

Em Belo Horizonte, o atual prefeito e pré-candidato pelo PSD, Alexandre Kalil, tem favoritismo e lidera disparadamente as intenções de voto como representante da direita tradicional na cidade mineira. Alinhados ao discurso bolsonarista, Rodrigo Paiva (NOVO), correligionário do Go-

⁶⁶ <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,caetano-chico-e-petistas-historicos-divulgam-manifesto-em-apoio-a-boulos,70003390450>

⁶⁷ https://www.terra.com.br/amp/noticias/eleicoes/franca-acena-a-bolsonaro-e-pdt-cogita-veto-a-alianca,217689b8bcd772c7244f29c452538bdf3kw0os33.html?_twitter_impresion=true <https://twitter.com/CarlosLupiPDT/status/1292942281385926658>

vernador, aparece com 4% das intenções de voto na pesquisa estimulada a frente de Bruno Engler do partido de Hamilton Mourão, onde aparece nas pesquisas de intenção de voto estimulada com 2% das intenções. Engler se destaca como “candidato de bolsonaro” por aproximação ideológica.

Em Belo Horizonte, há uma forte tendência, segundo pesquisas a renovação na câmara dos vereadores, porém o atual candidato ganha força nas pesquisas espontâneas ou estimuladas, uma vez que a oposição é fortemente pulverizada. A atual pré-candidata e ex vereadora, do PSOL, Áurea Carolina que se destacou no pleito municipal de 2016 aparece como alternativa da esquerda juntamente a Nilmário Miranda (PT) e João Vítor Xavier (Cidadania). O destaque da eleição municipal de 2016 fez com que a Psolista, aos 32 anos alcançasse a marca de 17.420 votos em seu primeiro mandato, sendo a mais votada dentre os vereadores de BH. Também foi a única oponente com mais de 1% dos votos nesse cenário, com 1,5% das menções. Nilmário Miranda (PT) também aparece com 2% das intenções de voto na pesquisa estimulada. A pesquisa da Quaest contempla João Vítor Xavier (Cidadania) como segundo lugar na pesquisa estimulada com 4% das intenções de votos.

Em Vitória, a direita bolsonarista apresenta dois candidatos: o Coronel Nylton Rodrigues⁶⁸ (NOVO) e Capitão Assunção (Patriota), que foi expulso do PSL⁶⁹.

Já a direita tradicional apresenta o seguinte quadro; Amaro Neto (Republicanos), Cleber Felix (Democratas), Dr.

⁶⁸ <https://novo.org.br/aprovados/coronel-nylton-rodrigues/>

⁶⁹ <https://www.agazeta.com.br/es/politica/expulso-do-psl-capitao-assumcao-vai-para-o-patriota-0420>

Pinheiro (Patriota), Guto Gomes (DC), Neuzinha (PSDB) e Mazinho dos Anjos (PSD).⁷⁰

Por fim, em Vitória, por estar exercendo o segundo mandato, o atual prefeito Luciano Rezende (Cidadania) não poderá candidatar-se à reeleição. O atual prefeito já definiu sua preferência pelo deputado estadual Fabrício Gandini⁷¹ (Cidadania. A disputa na esquerda é composta ainda pelo ex-prefeito da capital, de 2005 a 2012, além de Deputado Estadual e Federal, João Coser, (PT) e por Namy Chequer⁷² (PCdoB), e Sérgio Sá (PSB).⁷³

Conclusão

Subsequentemente, podemos conjecturar que as eleições municipais mostram-se de extrema importância para o entendimento no contexto das eleições de 2022. Como observamos em 2012, a extrema direita bolsonarista ganhou paulatinamente a notoriedade e capilaridade que precisava para protagonizar vitórias significativas no cenário nacional. No entanto, após fraturas decorrente a inúmeros processos de desgaste, apresenta-se altamente pulverizada comparativamente a esquerda que categoricamente luta para se reerguer no pós-golpe.

Desse modo, a direita mais tradicional nas regiões analisadas, apresenta-se como alternativa ligeiramente

⁷⁰ <https://tribunaonline.com.br/quem-sao-os-pre-candidatos-a-prefeito-na-grande-vitoria>

⁷¹ <https://cidadania23.org.br/2020/02/19/fabricio-gandini-e-pre-candidato-a-prefeito-do-cidadania-em-vitoria-es/>

⁷² <https://www.agazeta.com.br/colunas/vitor-vogas/curtas-politicas-com-namy-chequer-pcdob-quer-governar-vitoria-0720>

⁷³ <https://tribunaonline.com.br/quem-sao-os-pre-candidatos-a-prefeito-na-grande-vitoria>

mais coesa para a captação de votos dessa direita radical dividida e órfã de sigla.

Eleições municipais no Rio de Janeiro: entre o possível recuo da esquerda e o avanço da disputa entre ‘as direitas’

POR MARIA LUIZA DE FREITAS DE SOUZA⁷⁴

O presente texto inicia o mapeamento das eleições municipais de 2020 na capital do Rio de Janeiro. A partir dos dois campos políticos – esquerda e direita – que disputaram o segundo turno do pleito presidencial em 2018 e de suas divisões internas – esquerda petista, direita bolsonarista, direita liberal, etc. –, objetiva-se analisar as continuidades e descontinuidades resultantes dos conflitos internos e externos entre esses campos.

Assim, por meio de um comparativo com as candidaturas de 2012 e 2016, da consideração do resultado eleitoral de 2018 e das pesquisas eleitorais vindouras, espera-se obter um panorama sistemático dos avanços e recuos em cada um dos campos políticos.

No caso carioca, nossa hipótese é de que a esquerda não petista protagonizará o campo de esquerda, com uma disputa entre Renata Souza (PSOL)⁷⁵ e Martha Rocha

⁷⁴ Maria Luiza de Freitas de Souza é graduanda de ciências sociais da UFRJ do 4º período e pesquisadora do Nudb.

⁷⁵ G1. PSOL anuncia pré-candidatura de Renata Souza à prefeitura do Rio. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2020/noticia/2020/07/13/psol-anuncia-pre-candidatura-de-renata-souza-a-prefeitura-do-rio.ghtml> Acesso em 07 de agosto de 2020.

(PDT)⁷⁶, enquanto na direita, a disputa se dará entre Marcelo Crivella (Republicanos)⁷⁷ e Eduardo Paes (DEM)⁷⁸.

Sobre a esquerda: entre a utópica frente ampla e as fissuras internas do campo

Em 2012, o candidato psolista, representado por Marcelo Freixo, foi o segundo mais votado no pleito⁷⁹ e em 2016, chegou ao segundo turno das eleições⁸⁰. Tais resultados fazem do PSOL o partido mais importante na cidade do Rio, quadro que pode se alterar diante dos acontecimentos que aqui serão citados.

Lançada ainda no final de 2019, a pré-candidatura de Marcelo Freixo (PSOL)⁸¹ visava estar à frente de uma coligação inédita, que contaria com o apoio de partidos como PT, PV, PC do B e Rede.

No entanto, em maio de 2020, contando apenas com o apoio do Partido dos Trabalhadores – que posteriormente

⁷⁶ G1. Martha Rocha anuncia pré-candidatura à prefeitura do Rio. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/02/martha-rocha-anuncia-pre-candidatura-a-prefeitura-do-rio.ghtml>

⁷⁷ O GLOBO. Crivella busca general para vice em sua chapa para reeleição à prefeitura do Rio. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/crivella-busca-general-para-vice-em-sua-chapa-para-reeleicao-prefeitura-do-rio-1-24546235> Acesso em: 08 de agosto de 2020.

⁷⁸ ÉPOCA. Eduardo Paes anuncia esta semana candidatura a prefeito. Disponível em: <https://epoca.globo.com/guilherme-amado/eduardo-paes-anuncia-esta-semana-candidatura-prefeito-1-24433034> Acesso em: 07 de agosto de 2020.

⁷⁹ G1. Apuração. Disponível em: <http://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/apuracao/rio-de-janeiro.html> Acesso em: 09 e agosto de 2020.

⁸⁰ G1. Resultado da apuração. Disponível em: <http://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2016/apuracao/rio-de-janeiro.html> Acesso em: 09 de agosto de 2020.

⁸¹ Marcelo Freixo lança pré-candidatura à prefeitura do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.brasildefatorj.com.br/2019/11/14/marcelo-freixo-lanca-pre-candidatura-a-prefeitura-do-rio-de-janeiro> Acesso em: 09 de agosto de 2020.

apresentou pré-candidata própria⁸² – e sem sucesso na aliança com outras legendas da oposição de esquerda, Freixo renunciou à candidatura. Cabe aqui ressaltar que, antes de sua desistência, o candidato ocupava o segundo lugar nas pesquisas eleitorais⁸³, à frente do atual prefeito Marcelo Crivella (Republicanos).

Em seu lugar, o Partido Socialismo e Liberdade apresentou como pré-candidata a deputada estadual Renata Souza. O PDT, por sua vez, anunciou Martha Rocha e no mês de junho, firmou aliança com os partidos PSB e Rede⁸⁴, modificando o cenário da disputa eleitoral.

Assim, para a pleito de 2020, o PDT conta com o apoio de outras legendas do campo progressista, que pode aumentar o número de votos absolutos em sua candidata. Por isso, estimamos que a disputa dentro do campo da esquerda se dará entre as duas pré-candidatas supracitadas.

No entanto, urge destacar que apesar de estarem alinhadas a um mesmo campo – de esquerda –, cada uma das candidaturas possui particularidades que as colocam como ‘esquerdas’ distintas. Nesse sentido, não cabe pressupor que uma esquerda liderada pelo PSOL (partido que obteve destaque nos últimos pleitos) e uma esquerda liderada pelo PDT promoverão os mesmos resultados.

⁸² O GLOBO. PT decide lançar Benedita da Silva para prefeitura do Rio. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/pt-decide-lancar-benedita-da-silva-para-prefeitura-do-rio-24463820> Acesso em: 11 de junho de 2020.

⁸³ Datafolha aponta Eduardo Paes e Marcelo Freixo à frente na corrida pela prefeitura do Rio. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/datafolha-aponta-eduardo-paes-marcelo-freixo-a-frente-na-corrida-pela-prefeitura-do-rio-24139241> Acesso em: 14 de agosto de 2020.

⁸⁴ Nova aliança entre PDT, PSB e Rede muda disputa pela prefeitura do Rio. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/nova-alianca-entre-pdt-psb-e-rede-muda-disputa-pela-prefeitura-do-rio/> Acesso em: 09 de agosto de 2020.

Sobre a direita bolsonarista: Marcelo Crivella em busca da reeleição

Em 2016, com 59,36% dos votos válidos, Marcelo Crivella (Republicanos) foi eleito prefeito do Rio⁸⁵, rompendo com o domínio do PMDB na capital fluminense, após os oitos anos da gestão de Eduardo Paes. Já no segundo turno deste mesmo pleito, Crivella contou com o apoio do então deputado federal Jair Bolsonaro⁸⁶, demarcando o início de uma possível relação entre sua gestão e o bolsonarismo. Sobre a vitória neste pleito, cabe ressaltar a predominância do voto no candidato entre os evangélicos⁸⁷, sobretudo pentecostais.

Estreitando os laços e preparando-se para tentar a reeleição no pleito de 2020, a campanha do atual prefeito contará com a atuação do vereador Carlos Bolsonaro⁸⁸, cuja tarefa será cuidar das redes sociais do bispo Marcelo Crivella. A estratégia utilizada será a mesma utilizada por Flávio Bolsonaro e que possibilitou, em 2018, a vitória de Wilson Witzel (PSC).

Ademais, cabe ressaltar que a aliança com a família presidencial – iniciada com a filiação de Carlos Bolsonaro e

⁸⁵ G1. Marcelo Crivella é eleito prefeito do Rio e diz que venceu 'onda de preconceito'. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/eleicoes/2016/noticia/2016/10/marcelo-crivella-do-prb-e-eleito-prefeito-do-rio.html> Acesso em 07 de agosto de 2020.

⁸⁶ EXTRA. Jair Bolsonaro declara voto em Crivella no segundo turno no Rio. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/jair-bolsonaro-declara-voto-em-crivella-no-segundo-turno-no-rio-20232557.html> Acesso em 08 de agosto de 2020.

⁸⁷ Datafolha: Crivella lidera entre os evangélicos; espiritualistas vão de Freixo. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2016/noticias/2016/10/18/datafolha-crivella-lidera-entre-evangelicos-espiritualistas-vaio-de-freixo.htm> Acesso em: 14 de agosto de 2020.

⁸⁸ VEJA. Carlos Bolsonaro atuará na campanha de reeleição de prefeito do Rio. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/carlos-bolsonaro-atuara-na-campanha-de-reeleicao-de-prefeito-do-rio/> Acesso em: 08 de agosto de 2020.

Flávio Bolsonaro ao seu partido Republicanos⁸⁹ – surge como uma tentativa de superar a queda nos índices de popularidade⁹⁰.

Segundo o Datafolha, 72% dos entrevistados avaliaram de modo negativo sua gestão⁹¹, em dezembro de 2019. Sendo assim, sua estratégia apoia-se na aproximação com a base eleitoral bolsonarista⁹² na tentativa de chegar ao segundo turno.

Sobre a direita liberal: o retorno de Eduardo Paes à disputa para prefeito

Candidato pelo PMDB, Eduardo Paes foi eleito⁹³ com 50,83% dos votos válidos, em 2008, em um segundo turno acirrado contra Fernando Gabeira, então candidato pelo Partido Verde. Aliado de Sérgio Cabral, quando vitorioso, Paes agradeceu o apoio do ex-governador do Rio de Janeiro e do ex-presidente Lula⁹⁴.

⁸⁹ ESTADÃO. Crivella filia Bolsonaros e negocia acordo para as eleições. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,crivella-filia-bolsonaros-e-negocia-acordo-para-eleicoes,70003265628> Acesso em: 08 de agosto de 2020.

⁹⁰ VALOR. Crise abala popularidade de Crivella. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/04/13/crise-abala-popularidade-de-crivella.ghtml> Acesso em: 08 de agosto de 2020.

⁹¹ FOLHA DE SÃO PAULO. Crivella é reprovado por 72% no Rio e fica atrás de Paes e Freixo para 2020, diz Datafolha. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/12/crivella-e-reprovado-por-72-no-rio-e-fica-atras-de-paes-e-freixo-para-2020-diz-datafolha.shtml> Acesso em: 09 de agosto de 2020.

⁹² VEJA. Eleição no Rio tem guerra evangélica por eleitores de Bolsonaro. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/eleicao-no-rio-tem-guerra-evangelica-por-eleitores-de-bolsonaro/> Acesso em: 08 de agosto de 2020.

⁹³ G1. Eduardo Paes é eleito prefeito do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://g1.globo.com/Eleicoes2008/0,MUL832458-15693,00-EDUARDO+PAES+E+ELEITO+PREFEITO+DO+RIO+DE+JANEIRO.html> Acesso em: 08 de agosto de 2020.

⁹⁴ G1. Ao lado de Cabral, Eduardo Paes comemora vitória no Rio. Disponível em: <http://g1.globo.com/Eleicoes2008/0,MUL837657-15693,00-AO+LADO+DE+CABRAL+EDUARDO+PAES+COMEMORA+VITORIA+NO+RIO.html> Acesso em: 08 de agosto de 2020.

Em 2012, Paes contou com o apoio de diversos partidos, tais como PT, PDT e PRB, sendo reeleito em primeiro turno, com cerca de 64,60% dos votos válidos⁹⁵. Tal resultado configurou uma eleição sem ‘terceira via’, uma vez que o resultado obtido pelo terceiro colocado, Rodrigo Maia (DEM), foi inferior a 3%.

Em 2018, pelo Democratas e contando com o apoio de seu antigo partido (DEM), Paes foi candidato a governador do estado do Rio de Janeiro⁹⁶. Apesar de a vitória ter sido alcançada por Wilson Witzel (PSC), Eduardo Paes teve, na capital, mais votos que seu oponente⁹⁷, indicador relevante sobre suas chances nas urnas em 2020.

Agora, para o pleito de 2020, colocando-se como ‘candidato de ninguém’, cuja candidatura tem por objetivo a urgência e a necessidade de reerguer o Rio, Eduardo Paes adota um discurso crítico à gestão de Marcelo Crivella e aos escândalos envolvendo o atual governador Wilson Witzel⁹⁸.

⁹⁵ G1. Paes é reeleito prefeito do Rio. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/eleicoes/2012/noticia/2012/10/eduardo-paes-e-reeleito-prefeito-do-rio-de-janeiro.html> Acesso em: 08 de agosto de 2020.

⁹⁶ ESTADÃO. Veja quem são os candidatos a governador do Rio nas eleições de 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,saiba-quem-pode-ser-candidato-a-governador-do-rio-nas-eleicoes-2018,70002280606> Acesso em: 14 de agosto de 2020.

⁹⁷ Resultado da votação para Wilson Witzel no Rio de Janeiro. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/resultados/municipios-rio-de-janeiro/governador-candidato-wilson-witzel/> Acesso em: 14 de agosto de 2020.

Resultado da votação para Eduardo Paes no Rio de Janeiro. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/resultados/municipios-rio-de-janeiro/governador-candidato-eduardo-paes/> Acesso em: 14 de agosto de 2020.

⁹⁸ VEJA. Eduardo Paes diz que “alertou” sobre ligação de Witzel com esquema Cabral. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/paginas-amarelas/eduardo-paes-diz-que-alertou-sobre-ligacao-de-witzel-com-esquema-cabral/> Acesso em 09 de agosto de 2020.

Além disso, Paes argumenta que com a saída de Marcelo Freixo da disputa⁹⁹, ‘sua candidatura sai com um patamar elevado’ e as chances de uma eventual reeleição de Crivella diminuem.

CONCLUSÃO

De caráter introdutório, o presente texto buscou traçar um breve histórico das candidaturas dos campos políticos de direita e esquerda. Com a aproximação do pleito, objetivava-se ser capaz de testar a hipótese aqui apresentada – disputas internas entre candidatos de cada um dos lados do espectro político – analisando os avanços de cada um deles até a divulgação do resultado final das eleições municipais de 2020, na cidade do Rio de Janeiro.

⁹⁹ CARTA CAPITAL. Marcelo Freixo desiste de candidatura à prefeitura do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/marcelo-freixo-desiste-de-candidatura-a-prefeitura-do-rio-de-janeiro/> Acesso em: 09 de agosto de 2020.

O quadro político/eleitoral em Niterói/São Gonçalo e Maricá até 2018: esquerda forte e ameaça bolsonarista

POR BRUNA WERNECK CANABRAVA¹⁰⁰

Este é o primeiro de uma série de textos que pretende monitorar as eleições 2020 nos municípios fluminenses de Niterói, São Gonçalo e Maricá. Pretendemos, ao longo desse ciclo, mapear os campos políticos – direita e esquerda – que se definiram nas eleições de 2018 e analisar seu comportamento (crescimento, recuos e transformações em cada um deles) nos pleitos municipais deste ano.

O objetivo deste texto é resgatar o histórico eleitoral nos municípios fluminenses de Niterói, São Gonçalo e Maricá. O recorte e agrupamento desses municípios foi feito em função de (1) a relevância em termos populacionais (São Gonçalo é o segundo mais populoso do estado) e socioeconômicos (Niterói tem o terceiro maior PIB e o maior IDH, no estado do Rio de Janeiro) e (2) da relação das populações, economias e governos entre os três municípios (um exemplo que temos dessa relação de proximidade foi a articulação para que Niterói e Maricá contribuíssem para o combate à COVID-19 em São Gonçalo, através de doações para a construção de um hospital de campanha no município vizinho¹⁰¹).

¹⁰⁰ Bruna Werneck Canabrava é mestre em ciência política pela UFF e pesquisadora do NUDEB

¹⁰¹ A doação não se efetivou por falta de plano de ação do governo estadual para a construção do hospital. Fonte: O SÃO GONÇALO. Disponível em: <<https://www.osaogoncalo.com.br/geral/82890/niteroi-e-marica-nao-repassaram-r-90-milhoes-prometidos-a-sao-goncalo-para-construcao-do-hospital-de-campanha>>. Acesso em: 14 de agosto de 2020.

Nas eleições de 2018, Bolsonaro não apenas obtém a 46,03% dos votos válidos ainda no primeiro turno¹⁰², como seu partido elege a segunda maior bancada na câmara federal – ocupando 52 assentos, atrás apenas do PT que ocupou 54. Além disso, seu campo político ganha a corrida por governos estaduais, de norte a sul do o país.

No estado do Rio de Janeiro, esse fenômeno se confirma e se acentua. Demos expressivos 59,79% dos votos válidos a Bolsonaro, já no primeiro turno¹⁰³. Os dois assentos no Senado foram para candidatos bolsonaristas – um deles, Flávio Bolsonaro, filho do presidente. Na câmara federal, menos de um quarto dos assentos (apenas 10, de um total de 46) foi para candidatos de esquerda ou centro-esquerda¹⁰⁴. Na assembleia legislativa, esse percentual foi de apenas 20% (14 parlamentares, de um total de 70 vagas). Para o governo estadual, Wilson Witzel – do PSC, que fez toda sua campanha como aliado de Bolsonaro – atingiu a marca 41,28% dos votos¹⁰⁵, sendo praticamente desconhecido do restante do eleitorado.¹⁰⁶

Nossa hipótese é que o bolsonarismo continua forte em todo o estado do Rio de Janeiro e será a principal força de direita. Porém, nos municípios selecionados há o histórico de governos de esquerda ou centro-esquerda (principalmente Niterói e Maricá), que ocupam a prefeitura hoje e

¹⁰² Fonte: aplicativo Resultados, da Justiça Eleitoral. Acesso em 14 de agosto de 2020.

¹⁰³ Fonte: ESPECIAIS GAZETA DO POVO. Mapa eleitoral de presidente por estados no 1º turno. Disponível em: <<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/resultados/mapa-eleitoral-de-presidente-por-estados/>> Acesso em 14 de agosto de 2020

¹⁰⁴ Sobre essa classificação dos campos entre direita e esquerda, nos referimos ao Editorial deste boletim.

¹⁰⁵ Fonte: aplicativo Resultados, da Justiça Eleitoral. Acesso em 14 de agosto de 2020.

¹⁰⁶ Fonte O GLOBO. Quem é Wilson Witzel, que lidera 1º turno e vai ao segundo turno no Rio contra Paes. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/quem-wilson-witzel-que-lidera-1-turno-vai-ao-segundo-turno-no-rio-contr-paes-23136963>>. Acesso em 14 de agosto de 2020.

Niterói, em particular, vêm se destacando nas ações de combate à epidemia. Com isso, acreditamos que a correlação de forças entre os dois campos será mais equilibrada do que a observada em 2018.

Dentro da esquerda, é possível que observemos uma transformação no campo favorecendo o polo PDT/Ciro, em detrimento do polo PT/Lula. Nos baseamos no movimento do prefeito de Niterói, Rodrigo Neves, para fazer essa hipótese.

A fontes usadas foram o site do TSE e jornais locais das cidades e também periódicos de grande circulação como o jornal o Globo e Folha de São Paulo.

A ESQUERDA EM 2016 E 2018

Em 2016, ficou evidente a força da esquerda no município de Niterói: dos quatro candidatos à prefeitura, não havia sequer um postulante do campo da direita. O vencedor foi Rodrigo Neves, que à época ocupava a prefeitura, era recém desfilado do PT, se apresentou para reeleição pelo PV e hoje é filiado ao PDT. Seus concorrentes eram Felipe Peixoto do PSB (que, com o apoio dos partidos de direita, chegou ao segundo turno), Flávio Serafini do PSOL e Dani Bórnia, do PSTU.

Em Maricá, nesse mesmo pleito, a disputa também foi vencida pela esquerda, com a candidatura de Fabiano Horta, pelo PT. Apesar da vitória já em primeiro turno (com 52% dos votos), vale ressaltar que em segundo lugar, com 45% dos votos, ficou o candidato do DEM, Marcelo Delaroli. Isso expressa um maior equilíbrio, se comparado a Niterói, entre as forças de direita e esquerda no município. Fabiano

Horta seguia Washington Quaquá, também do PT, à frente da prefeitura.

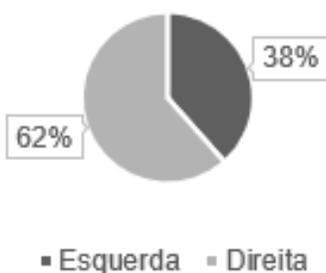
Observando os resultados de 2016 em São Gonçalo, já não é possível identificar a mesma força expressiva da esquerda. O representante deste campo que obteve o melhor resultado foi Brizola Neto, pelo PDT, que galgou apenas o 4º lugar. Duas coisas, no entanto, são dignas de nota, quanto a esquerda no município. A primeira é que, somados, os quatro candidatos do campo – Marlos Costa (PSB), Diego São Paio (REDE) e Prof. Josemar (PSOL), além de Brizola Neto – conquistaram mais de um terço dos votos, que significa uma força relevante. A segunda é que nenhum dos quatro candidatos era do PT. No pleito anterior, de 2012, também não houve candidatos do PT e o candidato do PDT chegou ao 2º turno.

Analisando os resultados das últimas eleições municipais, é possível dizer que a força preponderante de esquerda varia entre os três municípios estudados. Em Maricá, ela é claramente do polo PT/Lula; em São Gonçalo, é do polo PDT/Ciro; e, em Niterói, observamos uma transformação do campo, com o mesmo quadro político (Rodrigo Neves) migrando do PT para o PDT.

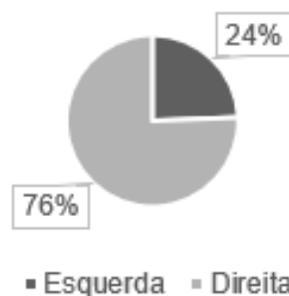
Em contraponto, como é possível observar na Figura 1, os resultados das eleições de 2018, apresentam um quadro bem menos otimista para a esquerda, mesmo nesses municípios. Para presidente, a esquerda não alcança a marca de 40% dos votos em nenhum dos municípios. Para governador, não chega nem a 30%.

FIGURA 1: Votação para presidente e governador, nos municípios de Niterói, Maricá e São Gonçalo, em 2018.

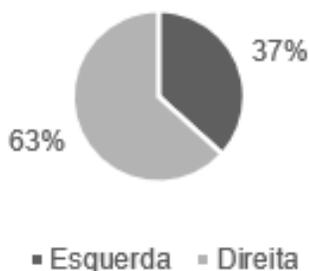
Niterói 2018
votos para presidente



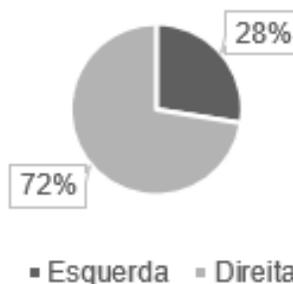
Niterói 2018
votos para governador



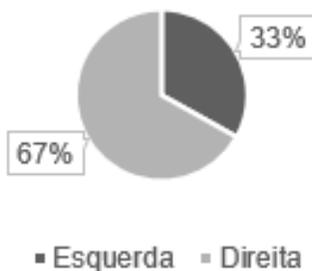
Maricá 2018
votos para presidente



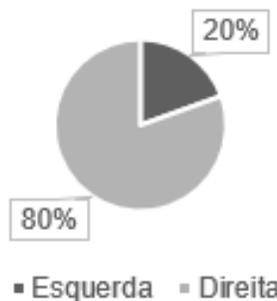
Maricá 2018
votos para governador



São Gonçalo 2018
votos para presidente

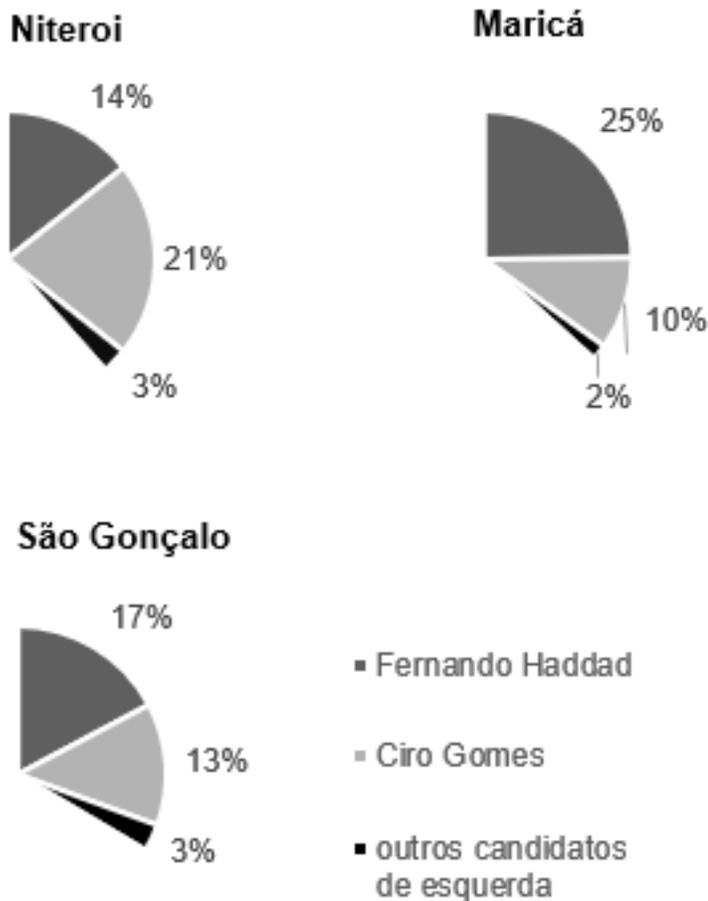


São Gonçalo 2018
votos para governador



FONTE: Elaboração própria a partir de dados do TSE.

FIGURA 2: Votação para presidente, entre candidatos de esquerda, nos municípios de Niteroi, Maricá e São Gonçalo, em 2018.



FONTE: Elaboração própria a partir de dados do TSE.

Na Figura 2 é possível confirmar que há uma variação entre os polos PT/Lula e PDT/Ciro, no eleitorado de esquerda. Em Maricá, a preponderância da força petista é clara, com o Haddad tendo obtido mais do dobro de votos de Ciro Gomes. Em São Gonçalo, a vantagem é menor, com

30% de votos a mais para o petista. Já em Niteroi, é o trabalhista Ciro Gomes, quem obteve 50% de votos a mais e alcançou o segundo lugar no primeiro turno.

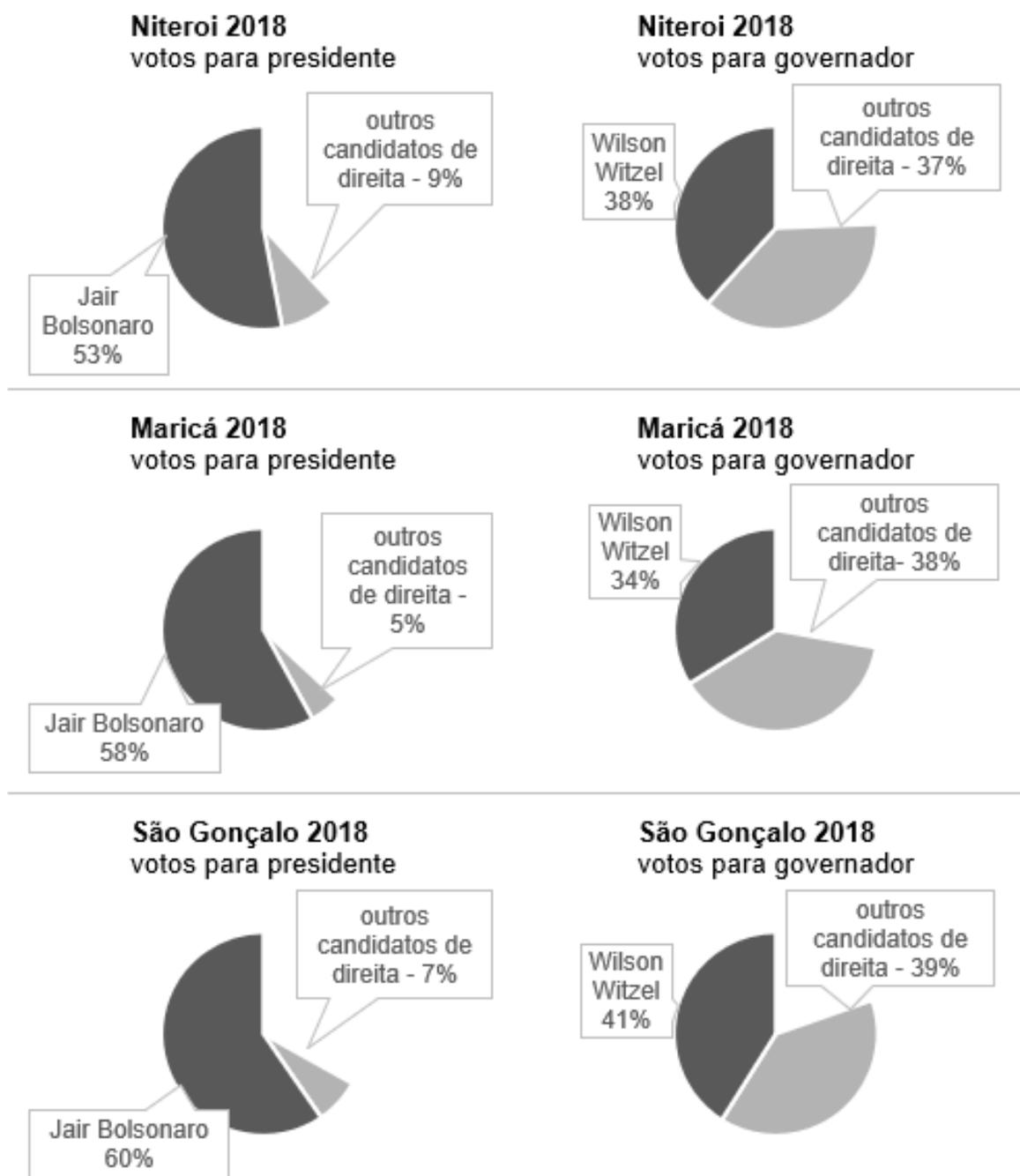
A DIREITA EM 2016 E 2018

Não conseguimos identificar uma força claramente bolsonarista em nenhum dos três municípios, em 2016 (em contraste com a capital, onde Flavio Bolsonaro concorreu e obteve 14% dos votos, pelo PSC). Como mencionamos na seção anterior, em Niterói, a direita ficou completamente ausente do pleito de 2016. Em Maricá, a direita liberal foi representada pela candidatura de Marcelo Delaroli (DEM). E em São Gonçalo, houve diversas candidaturas do campo conservador ou liberal. Nenhuma delas foi particularmente marcada pelo discurso bolsonarista. Voltamos, então, nossas atenções ao pleito de 2018.

Na Figura 3, podemos perceber na votação para presidente, que Bolsonaro praticamente obliterou qualquer outro ator no campo da direita. Em São Gonçalo, ele chegou, sozinho, à marca de 60% dos votos. Mesmo em Niteroi, que havíamos identificado como o município em que a esquerda é mais forte, Bolsonaro levaria a eleição em primeiro turno, com 53% dos votos. Todos os outros sete candidatos de direita juntos, não chegam a somar 10% dos votos em nenhum dos três municípios.¹⁰⁷

¹⁰⁷ Fonte: Datapedia. Disponível em: < <https://eleicoes.datapedia.info/> > Acesso em: 14 de agosto de 2020.

FIGURA 3: Peso do voto bolsonarista dentro do campo da direita, nos municípios de Niteroi, Maricá e São Gonçalo, em 2018.



FONTE: Elaboração própria a partir de dados do TSE.

Na corrida estadual, o protagonismo de Witzel foi menor: seus votos corresponderam a aproximadamente metade dos votos da direita. No entanto, ainda é um feito impressionante se considerarmos que foi a primeira vez que se apresentou a um pleito eleitoral, não é natural do estado e, por anos, atuou profissionalmente fora daqui. Por conta deste perfil, ele pode ser utilizado como base para um cálculo do potencial eleitoral do bolsonarismo – desatrelado do nome ou mesmo do partido de Bolsonaro. Nesta região, seus votos corresponderam a 34 a 41% do eleitorado total e 58 a 71% dos votos de Bolsonaro.

CONCLUSÃO

Com a votação expressiva que Bolsonaro obteve em 2018 e o recente aumento em sua popularidade¹⁰⁸, após meses de queda, é razoável pressupor que os pleitos municipais, em Niteroi, Maricá e São Gonçalo serão mais difíceis para a esquerda em 2020 do que foram em 2016. Nesse quadro, é improvável que a direita liberal volte a crescer na região. Quanto à esquerda, acreditamos que a tendência será a manutenção das forças petista, em Maricá, e trabalhista, em São Gonçalo. Em Niteroi, nossa hipótese é a de que veremos o fortalecimento do polo PDT/Ciro, devido ao sucesso das ações de Rodrigo Neves no combate à COVID-19. Desenvolveremos melhor esse quadro eleitoral no próximo boletim em setembro.

¹⁰⁸ Fonte: FOLHA. Aprovação a Bolsonaro sobe e é a melhor desde o início do mandato, diz Datafolha. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/08/aprovacao-a-bolsonaro-sobe-e-e-a-melhor-desde-o-inicio-do-mandato-diz-datafolha.shtml> > Acesso em: 14 de agosto de 2020.

Precariedade e violência na política da Baixada Fluminense

POR LUCAS PAZ DOS SANTOS¹⁰⁹

Este boletim tem como objetivo monitorar o processo eleitoral de 2020 nos municípios da Baixada Fluminense de modo a analisar como os campos políticos da direita e da esquerda se organizam para esse pleito. Para dar conta desse objetivo, neste texto vamos apresentar os problemas estruturais de cada município da Baixada Fluminense, em especial a pobreza e a violência.

Entendemos que, no geral, tais problemas são comuns nas cidades da Baixada, o que nos permite pensar, ao menos de forma embrionária, de que maneira a união dos dois fatores interage com o fazer político dos municípios. Nossa hipótese é que a violência política é um elemento decisivo nos processos eleitorais da região e que a existência do bolsonarismo agrava esse processo.

Desta forma, além do crescimento da direita tradicional que se verifica desde 2012, é preciso acompanhar como o bolsonarismo vai avançar usando suas táticas de violência e fakenews nas redes sociais.

O que é a Baixada Fluminense?

A Baixada Fluminense compõe a região metropolitana do Rio de Janeiro com um contingente populacional de

¹⁰⁹ Lucaz Paz Santos é graduando de Ciências Sociais e pesquisador do Nudieb

cerca de três milhões e setecentos mil pessoas em todos os treze dos noventa e dois municípios do estado, sendo eles Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica. Dos municípios citados, Duque de Caxias representa a maior população da Baixada, terceiro no estado do Rio de Janeiro, de população com número de 855.048 pessoas segundo o censo do IBGE feito em 2010; Nova Iguaçu aparece em quarto com 796.257, Belford Roxo com 469.332 e São João de Meriti com 458.673, sexto e oitavo respectivamente. Todos os quatro municípios estão presentes entre os cinquenta mais populosos do Brasil.

A partir das características estruturais e sociais dessas cidades, é possível analisar a Baixada buscando uma unidade política em decorrência dos conflitos e contradições existentes na região.

Os dados do Observatório SEBRAE/RJ¹¹⁰ apresentam índices socioeconômicos cujos resultados indicam precariedade estrutural e, apesar de um ou outro município figurar em boa colocação em algum enquadramento, a tendência é estarem juntos, por apresentarem os mesmos problemas e, por demasiada intensidade, os colocam nas últimas posições dentre todos os municípios do estado do Rio de Janeiro. A tabela abaixo sintetiza o quadro socioeconômico da baixada.

¹¹⁰ Disponível em: Painel Regional Baixada Fluminense I e II no Observatório SEBRAE/RJ - 2016.

Municípios	PIB Per Capita (R\$) ¹¹¹	Percentual de Pobres	Renda Domiciliar Per Capita (R\$) ¹¹²
Estado do RJ	38.262	26.0	991,00
Belford Roxo	13.248 - 80º	37.7 - 77º	458,00 - 82º
Duque de Caxias	28.730 - 27º	32.8 - 49º	555,00 - 63º
Guapimirim	13.188 - 81º	34.1 - 63º	575,00 - 56º
Itaguaí	60.617 - 14º	32.3 - 46º	588,00 - 54º
Japeri	10.162 - 91º	45.9 - 90º	378,00 - 91º
Magé	13.105 - 82º	34.8 - 66º	545,00 - 66º
Mesquita	14.163 - 90º	30.9 - 40º	607,00 - 44º
Nilópolis	15.960 - 65º	23.3 - 12º	716,00 - 21º
Nova Iguaçu	16.478 - 62º	35.5 - 71º	549,00 - 65º
Paracambi	12.321 - 87º	32.4 - 47º	544,00 - 68º
Queimados	25.961 - 30º	37.5 - 76º	455,00 - 84º
São João de Meriti	14.163 - 75º	29.4 - 33º	569,00 - 58º
Seropédica	22.608 - 36º	30.4 - 37º	584,00 - 55º

O papel da violência na política

Dessa maneira, com a estrutura precária da Baixada Fluminense somada à violência característica na região metropolitana do Rio de Janeiro abre margem para organizações criminosas aumentarem ainda mais sua abrangência

¹¹¹ 2013.

¹¹² Julho/2010.

política. Se o Estado não oferece suporte adequado à população, é a partir da precariedade que se explora o ganho político. Para quem conhece a Baixada Fluminense, não é raro ouvir dos moradores que há compra de votos por um(a) candidato(a), ou mesmo que esse ou outro candidato(a) tem ligação com, por exemplo, a milícia.

Com índices históricos de educação precária, somados ao desinteresse e desconfiança de parte da população com relação ao andamento político-eleitoral, não é de se espantar que entre um desconhecido do partido A e um desconhecido do partido B, em casos, o voto é direcionado àquele que oferece um ganho.

Além disso, uma região que conta com tráfico, grupos de extermínio e milícia apresentará disputas de interesses pela quantidade de interesses divergentes; dessa forma, a violência que já é enraizada na estrutura social, não deixa de fazer parte do contexto político-eleitoral.

O que pode servir de exemplo, nesse caso, a fim de maiores compreensões, é a respeito dos dados levantados pela The Intercept Brasil, na qual apontam a região da Baixada Fluminense como a que mais concentra crimes políticos no estado do Rio de Janeiro. Desde o último ano de eleições municipais, 21 políticos foram assassinados na região metropolitana, sendo 18 deles provenientes da Baixada Fluminense¹¹³.

Histórico eleitoral¹¹⁴

¹¹³ Disponível em: <<https://theintercept.com/2020/02/05/temporada-morte-politicos-baixada-fluminense/>>

¹¹⁴ Dos partidos analisados. Considerados de esquerda: PT, PDT, PSB, PSOL, PC do B, PPS (atual Cidadania). Considerados de direita: PMDB (atual MDB), PSDB, DEM, PSD, PTB, PP, PR (atual PL), PRTB, PMN, PSDC, PSC, PHS, PTN, PRB (atual Republicanos).

Ao pensar o processo de fortalecimento da hegemonia dos partidos de direita apresentada nas últimas eleições para prefeitos nos municípios da Baixada Fluminense, é preciso compreender o enfraquecimento da esquerda e crescimento da direita na região. No ano de 2008, o PT venceu em dois dos três municípios mais populosos¹¹⁵, se tornando o único partido de esquerda a ter êxito nas eleições da Baixada Fluminense. A partir das eleições de 2012, o Partido dos Trabalhadores conseguiu apenas uma prefeitura e nada mais que um segundo lugar em 2016.

Eleições 2008

2008 ¹¹⁶	Eleito (%)	Derrotado (%)
Belford Roxo	PT — 66,40	PMDB — 32,67
Duque de Caxias	PSDB — 53,34	PMDB — 44,59
Guapimirim	PMDB/PTC ¹¹⁷ — 74,14	PT — 20,63
Itaguaí	PMDB — 90,80	PSC — 9,20
Japeri	PSDB — 33,47	PSC — 27,97
Magé	PMDB — 68,62	PTdoB — 23,82
Mesquita	PT — 56,23	PMDB — 32,69
Nilópolis	PP — 42,78	PMDB — 33,60
Nova Iguaçu	PT — 65,35	PMDB — 33,21
Paracambi	PT — 37,48	PDT — 32,80
Queimados	PMDB — 44,46	PDT — 32,78

¹¹⁵ Nova Iguaçu e Belford Roxo.

¹¹⁶ Disponível em: <<https://eleicoes.datapedia.info/>>

¹¹⁷ A candidatura de Néelson do Posto (PMDB) havia sido impugnada às vésperas da eleição, de forma que o número, bem como a foto, do substituto Júnior do Posto (PTC), não puderam ser pelo TRE-RJ alteradas devido a não haver tempo hábil para substituições.

São João de Meriti	PR — 51,46	PHS — 40,79
Seropédica	PSDB — 42,77	PSB — 34,55

Eleições 2012

2012 ¹¹⁸	Eleito (%)	Derrotado (%)
Belford Roxo* ¹¹⁹	PCdoB - 61,46	PRTB - 38,54
Duque de Caxias*	PSB - 51,51	PMDB - 48,49
Guapimirim	PSDC - 33,32	PDT - 32,13
Itaguaí	PSDB - 47,9	PMDB - 35,71
Japeri	PSD - 41,73	PR - 27,27
Magé	PMDB - 72,49	PSB - 27,51
Mesquita	PSC - 42,49	PDT - 24,98
Nilópolis	PMN - 48,67	PP - 46,82
Nova Iguaçu*	PMDB - 55,30	PDT - 44,70
Paracambi	PT - 49,60	PDT - 32,29
Queimados	PMDB - 93,10	PSOL - 6,90
São João de Meriti	PDT - 51,87	PR - 35,44
Seropédica	PSB - 45,69	PHS - 31,47

Eleições 2016

2016 ¹²⁰	Eleito (%)	Derrotado (%)
Belford Roxo*	PMDB - 56,99	DEM - 43,01
Duque de Caxias*	PMDB - 54,18	PTN - 45,82
Guapimirim	PDT - 38,70	PSDB - 25,76
Itaguaí	PSB - 63,37	PR - 31,69
Japeri	PP - 44,17	PT - 43,04
Magé	PPS - 63,97	PR - 32,49

¹¹⁸ Disponível em: <<https://placar.eleicoes.uol.com.br/2012/1turno>>

¹¹⁹ Resultados marcados com * (asterisco) provenientes de segundo turno.

¹²⁰ Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2016/apuracao-pelo-brasil.html>>

Mesquita	PSDB - 49,91	PRB - 44,03
Nilópolis	PTB - 60,10	PMDB - 30,09
Nova Iguaçu*	PR - 63,91	PMDB - 36,09
Paracambi	PR - 47,87	PDT - 23,99
Queimados	PMDB - 54,46	PDT - 42,66
São João de Meriti	PR - 50,90	PMDB - 20,71
Seropédica	PDT - 84,53	PMDB - 15,47

No campo da esquerda, o descenso do PT não foi preenchido por nenhuma força específica. O PDT, que apesar de ter conseguido chegar entre os dois mais votados em cinco municípios, conseguiu eleger apenas um prefeito em 2012; em 2016, no entanto, o número de prefeitos dobrou, apesar de ter caído pela metade o número de segundos lugares¹²¹. Além disso, o PSB elegeu dois em 2012 e um em 2016, o PC do B venceu em uma cidade em 2012 e nenhuma em 2016 e, por fim, o PPS venceu uma em 2016 e nenhuma em 2012. Já o PSOL, apesar de conseguir levar Marcelo Freixo ao segundo turno na última eleição do Rio de Janeiro e obter 20,62% com Flávio Serafini em Niterói¹²², não consegue superar a barreira dos 2% na Baixada Fluminense, com exceção de Queimados em 2012, quando o candidato Devanir chegou à marca de 6,90% dos votos, em um quadro sem qualquer outra candidatura de esquerda.

Portanto, a partir da tabela das duas últimas eleições, é possível perceber que, em 2012, três dos quatro mu-

¹²¹ É evidente que segundo lugar não garante poder algum dentro das instituições, no entanto, é uma forma de conseguir perceber, especialmente com o aumento de segundos turnos com apenas candidatos de direita, a presença da esquerda com a população votante.

¹²² Disponível em: <<http://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2016/apuracao/niteroi.html>>

nicípios mais populosos tinham elegido prefeitos de esquerda, além do segundo lugar em Nova Iguaçu; na eleição seguinte, contudo, nenhum dos municípios sequer levou candidatos de partidos de esquerda ao segundo turno, o que representa queda de popularidade por parte da esquerda de forma geral.

A emergência do bolsonarismo

No entanto, é sabido que para uma ordem ser superada por outra ordem, o discurso hegemônico precisa ser ainda mais forte, não apenas o controle social precisa ser ainda mais forte, como uma narrativa precisa ser criada. Um exemplo disso é a força eleitoral decrescente do PSDB de 2014 com Aécio Neves em relação ao de Geraldo Alckmin em 2018, ano do ápice do movimento que veio para, justamente, oferecer discurso ainda mais forte que o da direita tradicional.

É partir disso que o movimento bolsonarista entra no jogo político como uma peça que supera a ordem vigente historicamente. Os motivos podem ser muitos, no entanto, três fatores mostram-se preponderantes: o primeiro está no possível interesse por parte de grupos milicianos no crescimento de um movimento que os beneficie, seja direta ou indiretamente; é sabido que uma política de direita tende a ser menos isométrica com relação a diferentes localidades, no caso da extrema-direita tal ação passa a ser deliberada; estratégica.

O segundo fator é a aproximação institucional do movimento bolsonarista com boa parte das igrejas evangélicas. É claro que tal aproximação é possível devido a um

contexto de levante evangélico em uma bancada institucional-religiosa a fim de aumentar o poder de discurso à hegemonia, como, entre outros fatores, uma reação ao progressismo do desenvolvimento cultural; basta pensar que, apesar de ainda vivermos em uma sociedade com inúmeros casos de homofobia, racismo, machismo, entre outras desigualdades, este século trouxe progressos preponderantes para a sociedade em geral em benefício das minorias; com exceção, é claro, daqueles que não sentiram-se à vontade para poderem ser livres com seus preconceitos.

Em terceiro lugar, e talvez mais importante, está o antipetismo, que por tangente recai sobre um anti-esquerdismo e, por metafísica, vira anticomunismo. Nesse contexto tal movimento já tomava força em 2016, apesar de embrionária, a partir de um possível “gancho” em impeachment da então presidente Dilma Rousseff como porta-voz do Antipetismo e de uma “Não-Política”.

Nos próximos boletins analisaremos de que modo o bolsonarismo se apresentará nas eleições de 2020 nas cidades da Baixada Fluminense.

Conclusão

O que se consegue observar nas tabelas, somados aos dados do TER-RJ sobre os eleitos em 2008, é o forte aumento da hegemonia da direita nas eleições de 2016¹²³. Nas eleições de 2012, a população de cinco dos treze municípios

¹²³ Aqui a referência é sobre a direita tradicional, visto que o Bolsonarismo ainda era embrionário no ano de 2016.

da Baixada Fluminense elegeu prefeitos por partidos de esquerda; outros cinco municípios obtiveram candidatos de esquerda em segundo lugar. Paracambi, entretanto, é o único município com o primeiro e o segundo na votação em partidos de esquerda, fator que não se repete em 2016, e também o último a eleger um prefeito do PT. Além disso, como é possível perceber na tabela abaixo, a ocorrência de partidos de esquerda em segundo lugar caiu pela metade com relação à eleição anterior.

Já em 2018 surge o bolsonarismo, um novo componente no sistema político que vai interferir no jogo de poder deste ano, nas eleições de prefeito e vereadores na Baixada Fluminense.

O bolsonarismo tem como uma das suas principais forças o uso das redes sociais. É preciso compreender, neste ano pandêmico, de que maneira o movimento bolsonarista, que sofre queda de popularidade devido à falta de organização, planejamento e, ironicamente ou não, o modus político, pode usar os três fatores, somado ao último, particular do movimento cujo nome é proveniente da família do então presidente, como reação, já neste ano de campanha municipal, para reafirmar sua força política.

Com a possibilidade de queda de popularidade do bolsonarismo, há a chance de a extrema-direita utilizar o mesmo tipo de modelo, no entanto com grande possibilidade de maior desespero, com o fim de manter o poder, pois é sabido que há muito a ser perdido. Há inúmeros tipos de violência que não apenas a física a fim de obter uma garantia qualquer; violar a informação a partir de uma pós-verdade nas Fake News não deixa de ser; utilizar a fé alheia com o fim de manipular politicamente também não. Em

caso de decréscimo ainda maior da popularidade bolsonarista o poder não deixará de ser ocupado, não existe vácuo em jogo de poder, está sempre nas mãos de alguém, o que importa neste caso é compreender como se (re)configura o jogo.

Lideranças evangélicas nas eleições municipais de 2016

POR RENNAN PIMENTEL¹²⁴

O presente texto é parte da pesquisa de monitoramento eleitoral do NUDEB sobre o pleito municipal de 2020 nas capitais de Estados e tem por objetivo analisar a influência das lideranças evangélicas nas eleições. Para isso, nesse primeiro número, fizemos um mapeamento do pleito anterior, ocorrido em 2016, em todas as capitais das unidades federativas do Brasil. Observar a composição das chapas para o executivo municipal é importante para compreender como este grupo tem se articulado no âmbito político e como se apresentava naquele ano. Este artigo, além de evidenciar os resultados das eleições de 2016 e expor a influência neopentecostal na esfera política, servirá para um comparativo futuro com as eleições municipais de 2020 para constatar se esta força política cresceu ou recuou.

Nossa pesquisa mostra que os evangélicos saíram vitoriosos em outras capitais, além do Rio de Janeiro. A vitória de Crivella, portanto, não foi uma excepcionalidade, mas resultado de um processo mais amplo e que indica uma força política significativa. Para tal estudo, foram analisadas matérias publicadas em sites jornalísticos como Grupo Globo, El país, Folha, Uol, Terra, noticiário regionais, além de depoimentos de eleitores locais.

¹²⁴ Rennan Pimentel é bacharel em Relações Internacionais, graduando em ciências sociais na UFRJ, membro da diretoria do CACS/UFRJ e pesquisador do NUDEB e do NEPS.

A estratégia de domínio político

Iniciamos a pesquisa sobre as lideranças evangélicas no Boletim do NUDEB sobre a política brasileira e a Pandemia de julho de 2020. Argumentamos que essas lideranças têm crescido no cenário político nacional construindo um projeto político de poder cristão fundamentada na defesa de políticas conservadoras. Este grupo já desempenhava certo protagonismo no legislativo de todas as esferas políticas, com eleições de vereadores e deputados federais e estaduais.

Em 2016 com a eleição de Crivella (ex-bispo da Igreja Universal do Reino de Deus) à Prefeitura do Rio e posteriormente, em 2018, com a eleição de Bolsonaro, evidenciou-se a força religiosa na política e que não se resumia apenas ao legislativo. Trata-se de um projeto de poder que visa dominar todos os âmbitos da política, inclusive o executivo, participando de forma protagonista nas tomadas de decisões.

Nossa hipótese é que o ano de 2016 foi decisivo para esse projeto. A presidente Dilma Rousseff sofreu impeachment, o que abriu uma conjuntura de declínio político da esquerda e produziu um ambiente propício a “tomada” do poder.

Visto a isto, as lideranças políticas evangélicas desenvolveram um projeto para consolidar sua força política nas eleições municipais de 2016. A CONCEPAB (Confederação dos Conselhos de Pastores do Brasil) pela primeira vez, em pleitos eleitorais, criou uma organização para promover e monitorar as candidaturas protestantes [neo]pentecostais, chegando a monitorar de perto 100 candidaturas

em todo o Brasil, dentre prefeitos, vice-prefeitos e vereadores e em sua maioria ligados ao Republicanos, antigo PRB, partido vinculado à Igreja Universal do Reino de Deus.¹²⁵ O intuito desta organização é criar um ambiente mais hegemônico na política, onde políticos evangélicos reivindicuem as mesmas pautas em todas as esferas políticas, seja esferas legislativas ou executivas.

As candidaturas evangélicas nas eleições municipais de 2016

A eleição de Marcelo Crivella (ex- bispo da Igreja Universal) à prefeitura do Rio de Janeiro, ganhou notoriedade nacional e evidenciou a força política da ala evangélica [neo]pentecostal, entretanto esta influência não se limita apenas a capital do Estado do Rio de Janeiro. Para isso, mapeamos todas as capitais das unidades federativas para analisar a influência político-religiosa em cada região e exibir as chapas com candidatos assumidamente evangélicos

Região Norte

Em Belém, o pleito do executivo contou com 10 candidatos, onde Zenaldo Coutinho (PSDB) saiu vitorioso com 52,33% dos votos válidos no 2º turno. Zenaldo, apesar de não declarar evangélico, frequentemente é visto na maior congregação evangélica de Belém, a Assembleia de

¹²⁵ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes-2016/2016/09/1814577-evangelicos-buscam-atuacao-politica-mais-coesa-com-campanha.shtml>

Deus em Belém, da qual recebeu apoio político direto. Entretanto, como não se declara oficialmente evangélico, não contabilizamos como candidatura evangélica vitoriosa.

Bolsonaro esteve nesta igreja juntamente com Coutinho em 2019, onde indignado com uma decisão do STF proferiu: *“Será que não está na hora de um evangélico no Supremo?”*¹²⁶;

Em Boa Vista, a Chapa de Sandro Baré (PP) com o Vice- Pastor Frankenbergen (PSC) ficou em 2º lugar com 9,42 % dos votos válidos¹²⁷;

Em Macapá, Aline Gurgel (PRB), ficou em 3º lugar com 11,89% dos votos. Nesta capital, a candidatura vitoriosa foi a de Clécio Luís (REDE), eleito em segundo turno com 60,5% dos votos válidos. Segundo a Folha de São Paulo, Clécio é um candidato evangélico e foi monitorado pela CONCEPAB, entretanto, como não se declara oficialmente evangélico e não achamos outras fontes que confirmem este fato, também não contabilizamos como candidatura evangélica vitoriosa.¹²⁸

Em Manaus, o Pastor Silas Câmara (PRB) ficou em 3º turno com 11,17% dos votos e Hissa Abrahão (PDT) em 6º lugar com 2,65% dos votos¹²⁹;

Em Porto Velho também tiveram 2 candidaturas com vice evangélico: Pastor Severino (DEM) ficando em 4º

¹²⁶ <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/sera-que-nao-esta-na-hora-de-um-evangelico-no-supremo-diz-bolsonaro-apos-decisao-sobre-homofobia,0d7d6dcceb490c46deeb50b7caed90615xyuyn2.html>

¹²⁷ <https://folhabv.com.br/noticia/POLITICA/Roraima/Partido-Progressista-lanca-Sandro-Bare-como-candidato-a-Prefeitura/18965>

¹²⁸ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes-2016/2016/09/1814577-evangelicos-buscam-atuacao-politica-mais-coesa-com-campanha.shtml>

¹²⁹ ibidem

com 15,66% dos votos e Pastor James Melo (PR) com 5,86% dos votos.¹³⁰

Região Nordeste

Em Aracajú, duas candidaturas evangélicas participaram do pleito. Valadares Filho (PSB) com o Vice Pastor Antônio formaram a maior coligação da capital, porém ficaram em 2º lugar no segundo turno com 47,89% e o Ex-Prefeito João Alves Filho (DEM) ficou em 3º lugar com 9,99%¹³¹

Em Fortaleza, o Cantor Gospel Ronaldo Martins (PRB) ficou em 5º lugar com 4,02% dos votos¹³².

Em Maceió, João Henrique Caldas (PSB) ficou com 3º lugar com 21,78% dos votos. Inclusive, JHC já foi denunciado ao Ministério Público Eleitoral por ser flagrado pedindo voto nos cultos religiosos.¹³³

Em Salvador, o Pastor Sargento Isidoro (PDT) ficou em 3º lugar na disputa com 8,61% dos votos. Na contramão da maioria dos políticos evangélicos, Isidoro se apresenta como “ex-gay”, antibolsonarista porém conservador. Nas eleições de 2018, declarou apoio ao candidato do PT, Fernando Haddad.¹³⁴

¹³⁰ <https://veja.abril.com.br/politica/nas-capitais-250-candidatos-vem-de-tempos-evangelicos/>

¹³¹ <https://minutosergipe.com.br/?p=25838>

¹³² <https://blogdoedisonilva.com.br/2020/03/em-fortaleza-partido-republicanos-vai-apostar-no-potencial-eleitoral-de-ronaldo-martins/>

¹³³ <http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=211898>

¹³⁴ https://www.huffpostbrasil.com/2016/09/29/pastor-sargento-isidorio-o-ex-gay-que-quer-ser-prefeito-de-sa_n_12252632.html

A capital do Maranhão, São Luís, contou com duas candidaturas, sendo uma delas vencedora do pleito. Enivaldo Holanda Junior (PDT), se reelegeu prefeito de São Luís em segundo turno com 53,94% e Eliziane Gama ficou em 4º com 6,19% dos votos. Entretanto Enivaldo é criticado por não ser muito assíduo nos cultos religiosos, diferente de sua opositora evangélica Gama, que participa de todos os atos¹³⁵. Outra questão peculiar é que Enivaldo é alinhado a políticos mais à esquerda, inclusive pediu votos nas igrejas da capital para Flávio Dino (Gov. do Maranhão) na eleição de 2018.¹³⁶

Região Centro-Oeste

A região Centro-Oeste é a única em que todas as capitais tiveram candidaturas evangélicas. Além disso, temos uma questão interessante, em Goiânia e Campo Grande, o 2º turno foi disputado por candidatos evangélicos. Em Goiânia, Iris Rezende (MDB) venceu Vanderlean Cardoso (PSB) com 57,07% dos votos válidos. Em Campo Grande Marquinho Trad (PSD) venceu Rose Modesto (PSDB) com 58,77% dos votos válidos. Já em Cuiabá, o pleito não foi exitoso, o candidato evangélico Wilson Santos (PSDB) foi derrotado no 2º turno ficando com 39,59% dos votos válidos.

Região Sudeste

¹³⁵ iegoemir.com/2016/02/diferenca-entre-edivaldo-holanda-junior-e-eliziane-gama-no-campo-religioso/

¹³⁶ <http://sjnoticiasma.blogspot.com/2018/05/prefeito-edivaldo-holanda-abandona-sao.html>

Belo Horizonte contou com 3 candidaturas evangélicas de um total de 11. A mais expressiva foi a do ex-goleiro João Leite da Silva Neto (PSDB) (apelidado de “Goleiro de Deus”), que chegou ao segundo turno, mas foi derrotado com 47,02% dos votos. A chapa de Rodrigo Pacheco (PMDB) com o vice Pastor Vanderlei ficou em 3º com 10,02% dos votos e Marcelo Álvaro (PR) (Atual Ministro do Turismo) em 9º lugar com 2,71% dos votos.

Em Vitória, Amaro Neto recebeu amplo apoio da ala evangélica e obteve no segundo turno 48,81% dos votos, contra 51,19% do seu adversário Luciano Rezende. Entretanto, como não se declara oficialmente evangélico e não encontramos fontes que confirmem este fato, também não contabilizamos como candidatura evangélica, porém devido ao expressivo apoio, o mapeamos como candidato pró-evangélico.

E por fim, a capital do Rio de Janeiro contou com a candidatura do ex-bispo da Igreja Universal Marcelo Crivella (PRB), no qual saiu vitorioso do segundo turno com 59,36% dos votos, desbancando Marcelo Freixo (PSOL). Entretanto, está não foi a única candidatura evangélica, o Senador Flávio Bolsonaro também se denomina protestante e ficou em 4º lugar com 14,00% dos votos;

As capitais Curitiba, Florianópolis, João Pessoa, Macapá, Natal, Palmas, Porto Alegre, Recife, Rio Branco, São Paulo e Teresina não apresentaram candidaturas evangélicas. O mapa a seguir sintetiza a pesquisa sobre os evangélicos candidatos nas capitais:

Mapeamento das eleições de 2016

Capitais com candidaturas evangélicas



Elaboração própria a partir dos dados do TSE

Conclusão

A influência dos evangélicos na política tem crescido a cada eleição. A frente parlamentar evangélica ou popularmente, bancada evangélica, já é composta por 195 deputa-

dos, que representam 38% do total de deputados no Congresso Federal¹³⁷. Segundo o IBGE, entre 2000 e 2010, os evangélicos cresceram 61%, representando 22,2% da população, ou 42,3 milhões e o Censo de 2021 mostrará que esse grupo cresceu ainda mais.¹³⁸

Assim sendo, fica evidente que o poderio e a influência dos evangélicos tomou certo protagonismo, tornando-se um grupo político poderoso e influente. As lideranças evangélicas não estão mais apenas nas casas legislativas e passaram a ocupar o executivo também, participando diretamente das tomadas de decisões.

Como evidenciado no mapa, praticamente todas as regiões apresentaram candidaturas evangélicas, com destaque para a região Centro-Oeste que apresentou candidaturas evangélicas em todas as capitais e para a Região Sul onde nenhuma capital apresentou candidatura oficial deste grupo. Candidaturas evangélicas estiveram presentes em 13 capitais das unidades federativas com 4 vitórias nas eleições majoritárias de 2016, o que expõe certa influência no âmbito político a nível nacional. Essas conquistas fazem parte de um projeto amplo de ocupação dos governos, até mesmo da presidência, como vimos com a eleição de Bolsonaro.

Diante do exposto, fica evidente que as lideranças evangélicas têm cada vez mais ocupado postos executivos em praticamente todos os estados da federação, não sendo a cidade do Rio de Janeiro uma excepcionalidade. É preciso

137 <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bancada-evangelica-e-13-mais-governista,70003011090>

138 <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-aumenta-61-em-10-anos-aponta-ibge.html>

acompanhar esse processo e observar como será o desempenho deste grupo nas eleições majoritárias deste ano, para averiguar se seguem crescendo ou se tiveram sua imagem “abalada” junto as polêmicas de Bolsonaro.

É preciso se atentar também as mudanças de discurso. A política evangélica tem buscado atender a uma demanda social mais central e atual, se desvinculando de pautas extremamente religiosas como faziam antes. Crivella se elegeu com essa mudança de discurso, evitou pautas muito polemicas (até que fosse eleito) e focou no cuidado à família. Sendo assim, nos próximos boletins, além do mapa quantitativo das candidaturas evangélicas, desenvolveremos essa dimensão da pauta política desses candidatos.

SOBRE O NUDEB

O Núcleo de Estudos sobre a Democracia Brasileira (NUDEB) é um laboratório de pesquisa criado em 2019 vinculado ao Departamento de Ciência Política (DCP) do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Coordenação

Professores Josué Medeiros e Pedro Lima

Boletim

Este boletim é resultado de pesquisa em notícias veiculadas em jornais de grande circulação e no site do TSE debatidas em reuniões não presenciais entre o dia 20 de julho e 15 de agosto.

CONTATOS

SITE: nudebufrj.com

EMAIL: nudeb.ifcs@gmail.com

FACEBOOK: [/nudeb.ifcs.ufrj](https://www.facebook.com/nudeb.ifcs.ufrj)

TWITTER: [@nudeb_ifcs](https://twitter.com/nudeb_ifcs)

Josué Medeiros: josue@ifcs.ufrj.br

Pedro Lima: pedrollima@ufrj.br